

A ESSÊNCIA D
ZEN
A CIÊNCIA DA
LIBERDADE

THOMAS
CLEARY

TRADUÇÃO AMADEU ANTÔNIO

INTRODUÇÃO DOS TRADUTORES

O Zen é a essência do Budismo, a liberdade é a essência do Zen. No seu nível mais simples e profundo, o Zen dedica-se puramente a libertar o potencial oculto da mente humana. O mestre zen chinês Ying-an disse: “Viver o Zen é o atalho mais direto, não exigindo o menor esforço para alcançar a iluminação e dominar o Zen exatamente onde estás.”

A liberdade que o Zen propõe não é distante, mas sim neste mundo. Não requer nada de extrínseco, podendo ser posta em prática no meio das ocupações e actividades normais. É imediatamente aplicável e desenvolve-se naturalmente. Dahui, outro grande mestre zen chinês, disse: “Para atingir a iluminação Zen, não é necessário abdicar da vida familiar, deixar o trabalho, tornar-se vegetariano, praticar ascetismo, ou fugir para um local silencioso.”

No entanto, mesmo estando efetivamente no mundo, a liberdade do Zen não é essencialmente deste mundo; não é a mesma liberdade que pode ser instituída ou concedida por um sistema social ou político. Segundo o ensinamento Zen, a liberdade que depende das coisas do mundo pode ser minada, e a liberdade que pode ser concedida pode ser retirada. Apontando para uma liberdade que não pode ser minada nem retirada, a libertação Zen surge de dentro. Pela sua própria natureza, não pode vir de fora para dentro da mente individual.

A libertação Zen é essencialmente alcançada por um conhecimento e percepção especiais que penetram na raiz da experiência. Este conhecimento e percepção libertam a mente das limitações arbitrárias impostas pelo condicionamento, despertando assim capacidades adormecidas da consciência. Dahui explicou: O reino dos iluminados não é um reino externo com características manifestas; a budeidade é o reino do conhecimento sagrado encontrado em si mesmo. Não é preciso parafernália, práticas ou realizações para o alcançar. O que é necessário é limpar

as influências das aflições psicológicas ligadas ao mundo externo, que se foram acumulando na tua psique desde tempos sem princípio.

O Zen limpa a mente para a percepção interior da sua própria natureza essencial; depois, essa percepção interior da pureza essencial da mente permite manter-se espontaneamente equilibrado e livre em todas as circunstâncias, continuando assim a clarificar a experiência diária. O velho mestre zen japonês Bunan disse:

As pessoas pensam que é difícil perceber a natureza essencial humana, mas na realidade não é nem difícil nem fácil. Nada pode aderir a esta natureza essencial. É uma questão de responder ao certo e ao errado mantendo-se

desprendido do certo e do errado, viver no meio das paixões e ainda assim estar desprendido das paixões, ver sem ver, ouvir sem ouvir, agir sem agir, procurar sem procurar.

A liberdade iluminada do Zen, estando no mundo mas não sendo do mundo, é tradicionalmente comparada a uma flor de lótus, enraizada na lama mas a desabrochar sobre a água. Não é um distanciamento negativo, mas um equilíbrio entre independência e abertura. Por isso, não se realiza por esforço formal, mas sim pela experiência direta e pelo desdobrar da essência da mente humana.

O paradoxo da liberdade Zen é que está presente e disponível, mas de alguma forma escapa quando é procurada deliberadamente. Responde ao que Bunan chamou de “procurar sem procurar”. Ying-an expressou desta forma: “O Zen não tem nada a que te possas agarrar. Quando as pessoas que estudam Zen não o veem, é porque se aproximam com demasiada ânsia.”

Por esta razão, os livros clássicos de Zen não são manuais de doutrina ou ritual a seguir como cursos sistemáticos de Zen, supostamente levando todos passo a passo até ao santuário interior. São escritos para despertar dimensões adormecidas da consciência, não para incutir ideias ou crenças.

Inúmeros sistemas foram criados para abordar o Zen desde o desaparecimento das escolas originais, mas nenhum deles é completo ou final, e nenhum deles perdura. Esta é simplesmente a natureza do Zen, que fala à experiência pessoal de cada indivíduo e de cada tempo. O mesmo se aplica a todas as escolas budistas, como os seus escritos atestam. O mestre zen Dahui disse: “Se pensares que há quaisquer formulações verbais que sejam segredos especiais e misteriosos a serem transmitidos, isso não é verdadeiro Zen.”

O Zen acrescenta uma dimensão extra à consciência tanto nos modos racionais como intuitivos. Fá-lo aprofundando e aguçando o pensamento, e promovendo um tipo especial de discernimento ou conhecimento mais subtil do que o próprio pensamento. Sendo axiomático que este tipo de desenvolvimento mental, em última análise, não pode ser dado nem retirado, o estudo do Zen requer a sua própria abordagem.

A essência da abordagem Zen é enganadoramente simples, como explicou o mestre chinês Yuanwu: “Põe de lado todos os slogans que aprendeste e todas as opiniões intelectuais que te aderem à pele.” O Zen é a essência mais fresca da mente, já desaparecida no momento em que se torna ideia. O significado zen da literatura é impacto, não ideologia.

Pela própria natureza do Zen, a sua essência não é nem do Oriente nem do Ocidente. Os mestres zen clássicos disseram que esta essência não pertence a nenhuma cultura ou filosofia em particular, muito menos a qualquer classe social ou grupo específico. Um poeta zen comentou: “Em que porta não brilha o luar?” Está na origem das ideias, não é um produto das ideias; e é isto que distingue a essência do Zen de toda a filosofia, religião, arte e ciência derivadas.

Existem muitas formas de entrar no Zen, e as possibilidades que dele emergem são ainda mais ricas. Este volume é uma coletânea de sugestões sobre como realizar e viver a essência do Zen, retiradas das obras dos maiores mestres zen da antiga China. Traduzidos dos registos chineses originais, estes escritos únicos representam as formas mais abertas e diretas de instrução de todo o cânone Zen. Não são religião nem filosofia, mas uma psicologia prática da libertação.

Este tipo de literatura zen tem sido pública durante séculos e pode ser apreciada por qualquer pessoa. Requer apenas consciência e não depende de um conhecimento prévio do Budismo Zen nem de qualquer forma de cultura asiática. Aplica-se diretamente à relação entre a mente e a própria cultura, seja ela qual for. Por isso, relaciona-se imediatamente com a forma como o mundo é experienciado e a vida é vivida, onde quer que se esteja. Este é o aspeto universal do Zen, a essência do Zen.

Notas sobre as fontes

As traduções deste volume provêm de coleções standard da secção Zen do cânone budista chinês. Os mestres zen citados viveram entre os séculos VIII e XIV. Outros ensinamentos de alguns destes mestres, especialmente dos mais antigos, estão registados na tradução e apêndices de *The Blue Cliff Record* (Boulder, Colo.: Shambhala, 1977). Os comentários neste clássico Zen são da autoria de Yuanwu, também ele uma das principais figuras da literatura traduzida neste volume.

Praticamente todas as célebres cartas de Dahui, outro importante mestre desta coleção, estão na tradução de J. C. Cleary *Swampland Flowers* (Nova Iorque: Grove, 1977). Uma quantidade considerável de outro material de e sobre Dahui está também traduzida no meu *Zen Lessons: The Art of Leadership* (Boston: Shambhala, 1989), onde Dahui é conhecido pelo epíteto Miaoxi. Este livro contém igualmente mais ensinamentos de alguns dos outros mestres zen em *Zen Essence*.

MESTRE ZEN MAZU

A Mente Normal

O Caminho não requer cultivo—basta não o poluir.

O que é poluição? Enquanto tiveres uma mente instável a fabricar artificialidades e artifícios, tudo isso é poluição.

Se quiseses compreender o Caminho diretamente, a mente normal é o Caminho.

O que quero dizer com mente normal é a mente sem artificialidade, sem julgamentos subjetivos, sem apego nem rejeição.

A Raiz

Os fundadores do Zen disseram que a própria essência de cada um é inerentemente completa. Simplesmente não te detenhas sobre coisas boas ou más—isso é chamado de prática do Caminho. Agarrar o bom e rejeitar o mau, contemplar o vazio e entrar em concentração, tudo isso pertence ao campo do artifício—e se continuares a procurar no exterior, ficarás cada vez mais afastado.

Basta terminar com a objetivação mental do mundo. Um único pensamento da mente errante é a raiz do nascimento e da morte no mundo. Simplesmente não tenhas nenhum pensamento e libertar-te-ás da raiz do nascimento e da morte.

O Reflexo Oceânico

As ilusões humanas desde tempos imemoriais, engano, orgulho, astúcia e vaidade, aglomeraram-se num só corpo. É por isso que as escrituras dizem que este corpo é apenas composto por elementos, e o seu aparecimento e desaparecimento é apenas o dos elementos, que não têm identidade. Quando pensamentos sucessivos não aguardam uns pelos outros, e cada pensamento se extingue tranquilamente, a isso chama-se absorção no reflexo oceânico.

Ilusão e Iluminação

Ilusão significa que não tens consciência da tua mente fundamental; iluminação significa que reconheces a tua essência fundamental. Uma vez iluminado, não te deixas mais iludir.

Se compreendes mente e objetos, então não surgem concepções falsas; quando não surgem concepções falsas, isto é aceitação da ausência de início das coisas. Sempre o tiveste, e tem-lo agora—não é necessário cultivar o Caminho nem sentar em meditação.

MESTRE ZEN DAZHU

Zen Artificial

Tu, por sorte, estás bem por ti próprio, mas lutas artificialmente. Porque queres colocar-te grilhões e ir para a prisão? Andas todos os dias ocupado a dizer que estudas Zen, aprendes o Caminho e interpretas o Budismo, mas isso só te

aliena ainda mais. É apenas perseguir som e forma. Quando é que irás parar?
O Teu Tesouro
O meu mestre disse-me: “A casa do tesouro dentro de ti contém tudo, e és livre de usá-lo. Não precisas de procurar no exterior.”

MESTRE ZEN LINJI

Perceção e Compreensão Verdadeiras

Quem estuda o Budismo deve procurar perceção e compreensão reais e verdadeiras, aqui e agora. Se atingires perceção e compreensão reais e verdadeiras, o nascimento e a morte não te afetam—és livre de ir ou ficar. Não precisas de procurar maravilhas, pois as maravilhas surgem por si.

Autoconfiança

O que vos indico é apenas que não deveis deixar-vos confundir pelos outros. Age quando for necessário, sem mais hesitação ou dúvida.
Hoje em dia as pessoas não conseguem fazer isto—qual é a sua aflição? A aflição está na falta de autoconfiança.
Se não confiares espontaneamente o suficiente em ti mesmo, estarás num estado frenético, perseguindo todo o tipo de objetos e sendo alterado por eles, incapaz de ser independente.

O Buda Interior

Não há estabilidade no mundo; é como uma casa em chamas. Este não é um lugar onde possas ficar muito tempo. O demónio assassino da impermanência é instantâneo, e não faz distinção entre classes altas e baixas, ou entre velhos e jovens.
Se queres não ser diferente dos budas e dos mestres zen, simplesmente não procures fora de ti.
A luz pura num momento de consciência na tua mente é a essência do Buda em ti. A luz não discriminativa num momento de consciência na tua mente é a sabedoria do Buda em ti. A luz indiferenciada num momento de consciência na tua mente é a manifestação do Buda em ti.

Sem Obsessões

É urgente que procures perceção e compreensão reais e verdadeiras, para poderes ser livre no mundo e não te deixares confundir por espiritualistas comuns.
O melhor é não ter obsessões. Simplesmente não sejas artificial. Limita-te a ser normal.
Procuras impulsivamente noutro lado, pedindo aos outros as tuas próprias mãos e pés. Isso já é um erro.

O Campo da Mente

O campo da mente pode entrar no comum, no sagrado, no puro, no impuro, no real, no convencional; mas não é o teu “real” ou “convencional”, “comum” ou “sagrado”. Pode colocar etiquetas em tudo o que é real e convencional, comum e sagrado, mas o real e o convencional, o comum e o sagrado, não podem colocar etiquetas em alguém que está no campo da mente. Se o consegues captar, usa-o, sem mais rótulos.

Compreender as Pessoas

Quando os seguidores do Zen vêm ter comigo, já os compreendi completamente. Como o faço? Simplesmente porque a minha percepção é independente—externamente não agarro o comum ou o sagrado, internamente não me prendo ao fundamental. Vejo tudo a fundo e já não duvido nem erro.

Autonomia

Basta seres autónomo onde estiveres, e aí mesmo está a realização. Situações que surjam não te podem mudar. Mesmo que tenhas maus hábitos, serás espontaneamente libertado deles.

Diletantes Espirituais

Os estudantes de Zen de hoje não têm qualquer noção da verdade. São como cabras que andam a pastar, apanhando o que quer que encontrem. Não distinguem entre o servo e o mestre, nem entre o hóspede e o anfitrião. Pessoas assim entram no Zen com a mente distorcida, e não conseguem realmente entrar eficazmente em situações dinâmicas. Podem ser chamados de verdadeiros iniciados, mas na realidade são pessoas mundanas. Aqueles que realmente deixam os apegos devem dominar a percepção real e verdadeira para distinguir o iluminado do obcecado, o genuíno do artificial, o não-regenerado do sábio.

Se consegues fazer essas distinções, podes dizer que realmente deixaste a dependência.

Clérigos budistas profissionais que não conseguem distinguir obsessão de iluminação apenas deixaram um grupo social e entraram noutra. Não se pode realmente dizer que sejam independentes.

Agora há uma obsessão com o Budismo que está misturada com a coisa real. Aqueles com olhos claros cortam tanto a obsessão como o Budismo. Se amas o sagrado e desprezas o comum, ainda andas à deriva no oceano da ilusão.

Rótulos e Verdade Objectiva

Porque te agarras a rótulos e slogans, ficas preso a esses rótulos e slogans, tanto aos usados na vida comum como aos considerados sagrados. Assim, obstruem a tua percepção da verdade objectiva e não consegues compreender claramente.

Se queres ser livre, conhece o teu verdadeiro eu. Não tem forma, nem aparência, nem raiz, nem base, nem morada, mas é vivo e flutuante. Responde com facilidade versátil, mas a sua função não pode ser localizada. Por isso, quando o procuras, ficas mais longe dele; quando o buscas, afastas-te ainda mais.

Sem Preocupação

Basta acalmar os pensamentos e não procurar mais no exterior. Quando as coisas surgirem, então dá-lhes atenção; confia apenas no que é funcional em ti no presente, e não tens nada com que te preocupar.

Carecas Cegos

Há carecas cegos que, depois de se encherem, fazem zazen e praticam meditação, tentando deter os pensamentos que escapam para impedir que surjam, evitando o ruído e procurando o silêncio. Isto é uma forma desviada de Zen.

Aceitação Acrítica

Aceitas as palavras destes mestres zen comuns como sendo o verdadeiro Caminho, supondo que os mestres zen são incompreensíveis e que, como pessoa comum, nem te atreves a tentar avaliar esses antigos. Se tiveres esta visão toda a vida, contra a evidência dos teus próprios olhos, és cego.

Armadilhas Turísticas

Nos centros zen dizem que há um Caminho a ser praticado e uma verdade religiosa a ser realizada. Diz-me, que verdade religiosa é realizada, que caminho é praticado? No teu funcionamento presente, o que te falta? O que é que ias corrigir?

Os recém-chegados mais jovens, não compreendendo isto, acreditam imediatamente nestes hipnotizadores e deixam-nos falar de coisas que aprisionam as pessoas.

Faculdades Sobrenaturais

As seis faculdades sobrenaturais dos iluminados são a capacidade de entrar no reino da forma sem se deixar confundir pela forma, entrar no reino do som sem se deixar confundir pelo som, entrar no reino do aroma sem se deixar confundir pelo aroma, entrar no reino do sabor sem se deixar confundir pelo sabor, entrar no reino do sentir sem se deixar confundir pelo sentir, entrar no reino dos fenómenos sem se deixar confundir pelos fenómenos.

Perceção e Compreensão Objetivas

Se queres perceber e compreender objetivamente, simplesmente não deixes que as pessoas te confundam. Desprende-te do que encontras dentro ou fora de ti—desprende-te da religião, da tradição e da sociedade, e só então

alcançarás a libertação. Quando não estás enredado nas coisas, passas livremente à autonomia.

Ensinamento Zen

Não tenho doutrina para dar às pessoas—apenas curo males e desfaço grilhões.

Adicionar Lama à Sujidade

Há estudantes de Zen que já vão acorrentados ter com um mestre, e o mestre põe-lhes mais uma corrente. Os alunos ficam contentes, incapazes de distinguir uma coisa da outra. A isto chama-se um hóspede a olhar para outro hóspede.

Escravatura

Quando digo que não existe nada fora, os estudantes que não me compreendem interpretam isto em termos de interioridade, por isso sentam-se em silêncio e quietude, tomando isto como sendo o Budismo Zen. Isto é um grande erro. Se tomas um estado de clareza imóvel como sendo Zen, estás a reconhecer a ignorância como teu senhor de escravos.

Movimento e Quietude

Se tentas agarrar o Zen no movimento, ele passa para a quietude. Se tentas agarrar o Zen na quietude, ele passa para o movimento. É como um peixe escondido numa nascente, a bater as ondas e a dançar livremente.

Movimento e quietude são dois estados. O mestre Zen, que não depende de nada, faz uso deliberado tanto do movimento como da quietude.

MESTRE ZEN YANGSHAN

Ensinamento Zen

Há interação se houver chamada para isso, não há interação se não houver chamada.

Profundo e Superficial

Se eu fosse explicar a origem do Zen, não haveria uma única pessoa por perto, quanto mais um grupo de quinhentas ou setecentas. Se, porém, falo disto e daquilo, correm para agarrar. Isto é como enganar uma criança com um punho vazio—não há realidade nisso.

A Essência do Zen

Explico-te assuntos relacionados com a iluminação, mas não procures fixar a tua mente neles. Basta voltares-te para o oceano da tua própria essência e desenvolveres uma harmonia prática com a sua verdadeira natureza.

Faculdades Sobrenaturais

Não precisas de faculdades sobrenaturais, porque estas são ramificações da iluminação. Para já, deves conhecer a mente e chegar à sua fonte.

Raiz e Ramos

Basta agarrar a raiz, não te preocupes com os ramos, pois um dia terás naturalmente os ramos. Se não atingiste a base, mesmo que estudes conscientemente não conseguirás atingir as ramificações.

O Olhar Interior

Deves voltar a tua atenção para dentro—não decores as minhas palavras. Tens andado a passar da luz para a escuridão desde antes de te lembrares, por isso as raízes das tuas ideias subjetivas são profundas e difíceis de arrancar de uma vez. É por isso que uso expedientes temporários para afastar as tuas perceções grosseiras.

MESTRE ZEN FAYAN

Falsos Mestres Zen

É errado agir como mestre de outros antes de o teu próprio campo da mente estar claramente iluminado.

A Base do Zen

O ensinamento do campo da mente é a base do estudo Zen. O campo da mente é a grande consciência do ser como é.

Confusão

Por confusão, as pessoas tomam as coisas por si mesmas; a cobiça acende-se, e entram em ciclos viciosos que toldam as perceções e as envolvem em ignorância. Os ciclos viciosos continuam e as pessoas não conseguem ser livres.

A Deterioração do Zen

O propósito do Zen é permitir às pessoas transcender imediatamente o comum e o sagrado, fazendo com que despertem por si próprias, cortando para sempre a raiz da dúvida.

Muitos, nos tempos modernos, ignoram isto. Podem juntar-se a grupos Zen, mas são preguiçosos no estudo do Zen. Mesmo que atinjam concentração, não escolhem verdadeiros mestres. Pelos erros dos falsos mestres, perdem também o caminho.

Sem terem compreendido os sentidos e os objetos, logo que se apropriam de uma interpretação errada ficam obcecados por ela e perdem totalmente a base correta.

Apenas se interessam por se tornarem líderes e serem conhecidos como mestres. Enquanto valorizam uma reputação vazia no mundo, trazem desgraça a si próprios. Não só tornam os seus sucessores cegos e surdos, como também fazem degenerar a influência do Zen.

Sectarismo

O Zen não é fundado nem sustentado no pressuposto de que há uma doutrina a ser transmitida. Trata-se apenas de orientação direta à mente humana, percepção da sua essência e realização do despertar. Como poderia haver estilos sectários a valorizar?

Houve diferenças nos modos de ensino criados por mestres Zen posteriores, e houve tanto tradição como mudança. Os métodos usados por vários mestres famosos passaram a ser continuados como tradições, até ao ponto em que os seus descendentes se tornaram sectários e não chegaram à realidade original. Eventualmente, criaram muitas digressões, contradizendo-se e atacando-se uns aos outros. Não distinguem o profundo do superficial e não sabem que o Grande Caminho não tem lados e que todos os cursos da verdade têm o mesmo sabor.

Discernimento

Os mestres Zen precisam primeiro de distinguir o falso do verdadeiro, depois devem compreender claramente o tempo.

Zen Degenerado

Os mestres Zen dos tempos recentes perderam a base, por isso os estudantes não têm como aprender. Há contenda egocêntrica, e estados impermanentes são tomados como realizações.

Princípio e Facto

O Budismo Zen inclui tanto o princípio como o facto. O facto baseia-se no princípio, o princípio é ilustrado pelo facto. Princípio e facto trabalham juntos como os olhos e os pés.

Julgamentos Subjetivos

Se fazes julgamentos subjetivos e pessoalistas sobre eventos passados e presentes, sem teres passado pelo processo de refinar e purificar a tua visão, isso é como tentar fazer uma dança de espada sem ter aprendido a manejar a espada.

Compreensão e Imaginação

Não é possível sondar a intenção das palavras ou atos dos iluminados entregando-se à fantasia.

Sucessão Zen

Se decoras slogans, não consegues fazer adaptações subtis conforme a situação. Não é que não haja maneira de ensinar a visão aos aprendizes, mas depois de aprenderes um método, é essencial que o consigas aplicar por completo. Se te prendes apenas à escola do teu mestre e decoras slogans, isso não é iluminação, é apenas conhecimento intelectual.

Por isso é que se diz: “Quando a tua percepção apenas iguala a do teu mestre, diminuíste metade da virtude do mestre. Quando a tua percepção vai além da do mestre, só então podes expressar o ensinamento do mestre.”

O sexto ancestral do Zen disse a alguém que tinha acabado de despertar: “O que te digo não é segredo. O segredo está em ti.”

Outro mestre Zen disse a um companheiro: “Tudo flui do teu próprio coração.”

MESTRE ZEN FENYANG

O Trabalho de um Mestre

Alguém perguntou a Fenyang: “Qual é o trabalho de um mestre de ensino?”

Fenyang respondeu: “Guiar imparcialmente aqueles com afinidade.”

Lua e Nuvens

A natureza búdica original de todos os seres vivos é como a lua brilhante no céu—é só porque está coberta por nuvens flutuantes que não pode aparecer.

Conhecimento Independente

Deves saber por ti mesmo o que é sagrado e o que é comum, o que está certo e o que está errado—não te preocupes com os julgamentos dos outros.

Quantas pessoas alguma vez conseguiram perceber todas as subtilidades? As pessoas seguem arbitrariamente os sentidos materiais, correndo como tolos.

Tempo e Passagem

Quando é que alguma vez irás parar de competir? Antes de te dares conta, a paisagem da primavera já se transformou em outono. As folhas caem, os gansos migram, a geada torna-se gradualmente mais fria. Vestido e calçado, o que mais procuras?

Demónio, Buda e Mente

Quando conheces a mente, mente é Buda. Se não a conheces, é o demónio. Demónio e Buda são produtos de uma só mente. Buda é real, o demónio é loucura.

Indicação Direta da Mente Fundamental

Poucos acreditam que a sua mente inerente é Buda. A maioria não leva isto a sério e, por isso, sente-se limitada. Estão enredados em ilusões, desejos, ressentimentos e outras aflições, tudo porque amam a caverna da ignorância.

Despertar Súbito

Quando de repente percebes a origem da mente, abres uma caixa de jóias. Honrado na terra e nos céus, estás acima até da alegria da meditação. A essência que contém todos os sabores é a suprema iguaria, que vale mais do que dez mil onças de ouro puro.

Comunicação pela Origem

Quando estás iludido e cheio de dúvidas, nem mil livros de escrituras são suficientes. Quando tens compreensão realizada, até uma palavra já é demais. O Zen é transmitido pessoalmente, através do reconhecimento mental. Não é passado diretamente por palavras escritas.

Resumo da Prática Zen

Quando estás estabelecido no Zen, a tua mente está serena, imperturbável pelas distrações mundanas. Entras no reino da iluminação e transcendes o mundo comum, deixando o mundo mesmo estando no meio da sociedade.

Realizar o Caminho

Uma vez realizada a vacuidade universal, todas as situações são naturalmente dominadas. Tens comunhão perfeita com o que está para além do mundo, enquanto abraças o que está dentro de todos os reinos do ser. Se perdes a essência do Zen, afinal não há nada nele. Se compreendes a sua função, tem efeito espiritual. O verdadeiro Caminho do “não-mente” não é escola para pessoas mesquinhas.

MESTRE ZEN XUEDOU

O Significado Vivo do Zen

Alguém perguntou a Xuedou: “Qual é o significado vivo do Zen?”

Xuedou disse: “As montanhas são altas, os oceanos são vastos.”

Onde o Obténs?

Alguém perguntou a Xuedou: “Como se diz, ‘A única via além não é transmitida por nenhum dos sábios.’ Onde a obtiveste?”

Xuedou disse: “Pensei que eras um praticante Zen.”

Uma Experiência de Abrir os Olhos

Onde a roda da espada voa, sol e lua perdem o brilho; quando o bastão de jóias bate, céu e terra perdem a cor. Com esta experiência, todas as entranhas dos demónios rebentam; com esta experiência, todos os olhos dos sábios se abrem.

Percepção Iluminada

Quando iluminas a tua percepção, os teus olhos são como mil sóis, de modo

que nada escapa ao olhar. Normalmente, as pessoas nunca foram tão observadoras, mas não devem desistir por se subestimarem.

Verdade e Sabedoria

Os sábios agarram audazmente uma verdade logo que a ouvem. Não esperes um instante, ou perderás a cabeça.

Ensino Zen

Alguém perguntou a Xuedou: “Qual é a tua maneira de ensinar?”

Xuedou respondeu: “Quando vêm hóspedes, deve-se vê-los.”

Estragar a Sopa

Houve uma vez um ancião Zen que não falava de tudo com o seu grupo durante um retiro. Um dos membros do grupo disse: “Assim desperdicei todo o retiro. Não espero que o mestre explique o Budismo; bastava ouvir as duas palavras ‘Verdade Absoluta.’”

O ancião ouviu isto e disse: “Não sejas tão apressado a queixar-te. Não há sequer uma palavra a dizer sobre a ‘Verdade Absoluta.’” Então, ao dizer isto, rangeu os dentes e disse: “Foi inútil ter dito isso.”

Na sala ao lado estava outro ancião, que ouviu isto e disse: “Uma bela panela de sopa, conspurcada por dois excrementos de rato.”

Em que panela não há um ou dois excrementos?

O Rio Zen

O rio do Zen é calmo, mesmo nas ondas; a água da estabilidade é clara, mesmo nas ondas.

MESTRE ZEN HUANGLONG

Conhecimento sem Mestre

O corpo universal da realidade é tão subtil que não o ouves quando deliberadamente tentas escutar, nem o vês quando olhas para ele. Quanto ao conhecimento puro que não tem mestre, como pode ser atingido pelo pensamento ou estudo?

Abre os Olhos

Os que procuram devem abrir os seus próprios olhos—não se deixem levar para o arrependimento mais tarde. O Zen não pode ser alcançado por poderes psíquicos ou pelo cultivo de experiências especiais. O Zen não pode ser discutido com base no conhecimento ou inteligência dos meramente instruídos.

Conhecimento e Sentimentos

A base da existência sensível é o oceano do conhecimento, que é a sua fonte.

A substância do fluxo da existência consciente é o corpo da Realidade.

Mas quando surgem sentimentos, o conhecimento é bloqueado, por isso a

verdadeira realidade é desconhecida na vida quotidiana. À medida que as imagens mentais mudam, as coisas diferem, com as pessoas a tenderem para os objetos do hábito e sem regressar.

O Caminho Zen

O Caminho não precisa de cultivo—basta não o conspurcar. O Zen não precisa de estudo—o importante é parar a mente.

Quando a mente é parada, não há ruminação. Por não ser cultivado, caminhas no Caminho a cada passo.

Quando não há ruminação, não há mundo a transcender. Por não ser cultivado, não há Caminho a procurar.

Procura

Andar de escola em escola à procura de mestres é procura exterior. Tomar a natureza inerente da consciência como o oceano e o conhecimento silencioso da sabedoria transcendente como Zen, chama-se procura interior.

Procurar no exterior ocupa-te fatalmente; procurar no interior enquanto permaneces na mente e corpo prende-te fatalmente.

Por isso, o Zen não é nem interior nem exterior, nem ser nem não-ser, nem real nem falso. Como se diz, “As visões interior e exterior estão ambas erradas.”

Restos

“Quando os sentimentos comuns e sagrados são esquecidos, o Ser revela-se, real e eterno. Basta desprender-se dos envoltórios arbitrários, e acordas para o Ser como ele é.”

Embora estes sejam restos de um antigo mestre Zen, há muitas pessoas que não conseguem deles usufruir. Perdi bastante apenas por os referir.

Alguém consegue discernir? Se conseguires, reconhecerás a doença do ‘Budismo’ e a doença do ‘Zen.’

Zen Vivo

Beber o oceano e virar uma montanha ao contrário é um feito comum para um zenista. Os que procuram o Zen devem sentar-se no local do despertar universal mesmo no meio de todas as situações espinhosas da vida, e reconhecer o seu rosto original enquanto convivem com o mundo comum.

Desapego Real

“Onde as pessoas de hoje vivem, eu não vivo. O que as pessoas de hoje fazem, eu não faço.” Se realmente compreenderes o que isto significa, deves ser capaz de entrar num poço de fogo com o corpo inteiro.

Correntes de Ouro

Alguém perguntou a Huanglong: “Diz-se que alguém que é espontâneo e

despreocupado ainda está preso por correntes de ouro—o que há de errado?” Huanglong disse: “Quando uma palavra entra no domínio público, não pode ser retirada durante nove anos.”

Dentro e Fora

Todos os sábios desde a antiguidade entraram no poço da vida e da morte, foram para o fogo da ignorância, para ajudar as pessoas a sair. E tu? Como entras?

Se as pessoas conseguirem entrar, pode dizer-se que não ardem no fogo, não se afogam na água.

Se as pessoas não conseguirem entrar, não só não podem ajudar-se a si próprias, como não podem ajudar os outros.

MESTRE ZEN YANGQI

Perdido e Achado

Quando corpo e mente são puros, todas as coisas são puras. Quando todas as coisas são puras, corpo e mente são puros.

“A moeda perdida no rio deve ser recuperada no rio.”

Ainda Mundano

Quando te desprendes de todo o universo, por todo o lado é escuro. Quando largas o absoluto, a chuva é sazonal e a brisa é moderada. Ainda assim, há ali mundanidade.

O Ensino Antigo

Alguém perguntou a Yangqi: “Como se diz, ‘Se queres escapar do clamor da mente, debes ler o ensinamento antigo.’ O que é o ensinamento antigo?”

Yangqi respondeu: “A lua é brilhante no espaço, as ondas estão calmas no oceano.”

O inquiridor perguntou: “Como se lê isso?”

Yangqi disse: “Vê por onde andas.”

O Veículo Supremo do Zen

Pedem-me para expor o veículo supremo do Zen, mas se é o veículo supremo, até os sábios se afastam, budas e mestres Zen desaparecem.

Porquê? Porque todos vós sois iguais aos budas de outrora.

Mas conseguírais realmente acreditar e confiar nisto?

Se realmente conseguíreis, vamos todos separar-nos e seguir caminhos diferentes. Se não fores embora, continuarei a enganar-te.

Mente e Fenómenos

A mente é o órgão, os fenómenos são os dados: ambos são como riscos num espelho.

Quando não há riscos nem pó, mostra-se a clareza do espelho.
Quando mente e fenómenos são ambos esquecidos, então a tua natureza é real.

Zen Silencioso

Alguém perguntou a Yangqi: “Quando o fundador do Zen veio da Índia para a China, sentou-se de frente para a parede durante nove anos—o que significa isso?”

Yangqi disse: “Como indiano, não sabia falar chinês.”

MESTRE ZEN WUZU

Ensinar Zen

Para ser mestre Zen, é imperativo “afastar o boi do lavrador, roubar a comida do faminto.”

Ao afastares o boi do lavrador, fazes com que as colheitas sejam abundantes; ao roubares a comida do faminto, libertas-o da fome para sempre.

Para a maioria das pessoas que ouvem isto, é como o vento a passar pelos ouvidos. Se afastares o boi do lavrador, como é que isso torna as colheitas abundantes? Se roubares a comida do faminto, como é que isso o livra da fome?

Neste ponto, deves ter a capacidade de afastar o boi do lavrador e de roubar a comida do faminto, depois dar um empurrão decisivo, levando as pessoas ao limite da compreensão. Então dizes-lhes: “As bênçãos não são recebidas duas vezes, as calamidades não ocorrem sozinhas.”

Algo Indescritível

Há algo no mundo que não pertence nem ao domínio do comum nem ao domínio do sagrado. Não está no reino do falso nem no do verdadeiro.

Serenidade

Quando não há uma nuvem sequer a manchar a grande clareza por dez mil milhas, sol e lua no céu original são claros por si mesmos.

Não é permitido a um general ver a grande paz, mas um general pode estabelecer a grande paz.

O Objectivo do Zen

Para estudar Zen, primeiro deves obter direcções para o objectivo final. Ouvir o som e ver a forma são inconcebíveis. Do céu eterno todas as noites a lua brilha em cada casa; o seu reflexo desce para um lago tranquilo, mas quantos sabem?

Procura sem Encontrar

Poucos dos que procuram Zen o alcançam. Quando cessarão os julgamentos? Se falas de alto e baixo com base em palavras, é como antes da iluminação.

Todos Podem Chegar

Há um caminho para o vazio pelo qual todos podem chegar. Aqueles que chegam reconhecem que o seu sabor rico é duradouro. O campo da mente não produz plantas inúteis; naturalmente o corpo irradia luz.

Falar de Zen

Falar de Zen o tempo todo é como procurar pegadas de peixe num leito de rio seco.

MESTRE ZEN YUANWU

O Objectivo do Zen

Quando mestres Zen iluminados estabelecem ensinamentos para um caminho espiritual, a única preocupação é clarificar a mente para chegar à sua origem. Está completo em todos, mas as pessoas afastam-se desta mente fundamental por causa das suas ilusões.

Zen Imediato

Se desenvolveste grande capacidade e visão penetrante, podes praticar o Zen onde estiveres. Sem o obter de outro, compreendes claramente por ti próprio. A luz espiritual penetrante e a vasta tranquilidade aberta nunca foram interrompidas desde tempos sem princípio. A mente verdadeira pura, não artificial, inefável e completa, não faz parceria com os objetos do sentido material, nem é companheira das miríades de coisas.

Quando a mente está sempre tão clara e brilhante como dez sóis juntos, desprendida de opiniões e além dos sentimentos, cortando as ilusões efémeras do nascimento e da morte, é isto que significa o ditado: “A própria mente é Buda.”

Egotistas Intelectuais

Muitos intelectuais mundanos apenas estudam Zen para ter assunto para conversar, algo que aumente a sua reputação. Consideram isto um interesse elevado e tentam usá-lo para se afirmar acima dos outros. Isto só aumenta o seu egoísmo.

Motivação

Quando a razão original para estudares Zen não é correta, acabas por te esforçar sem alcançar nada. Por isso os antigos instavam as pessoas a estudar Zen como se estivessem à beira da morte.

Paz

As vidas humanas acompanham as circunstâncias. Não é necessário rejeitar a actividade e procurar o silêncio; basta esvaziáres-te interiormente enquanto permaneces exteriormente harmonioso. Então estarás em paz no meio da actividade frenética do mundo.

Zen Instantâneo

No Zen, não é difícil para aqueles de faculdades aguçadas e visão superior atingirem mil compreensões a uma só escuta.

Base Firme

É necessário que a tua base seja firme e sólida, precisa e segura. Ao tomares as rédeas e seres o mestre, tornas-te um com todas as situações diferentes, como o espaço sem barreiras. Quando a clareza aberta e profunda não muda e é consistente em todos os momentos, só então podes estar em paz.

Mudança de Métodos

Mestres Zen de verdadeira visão e grande libertação mudaram os métodos ao longo do tempo, para evitar que as pessoas se apeguem a nomes e formas e caiam em racionalizações.

O Propósito do Zen

Ao longo dos séculos, o Zen ramificou-se em diferentes escolas com métodos próprios, mas o propósito é sempre o mesmo—apontar directamente para a mente humana.

Quando o campo da mente é clarificado, não há qualquer obstrução—abandonas opiniões e interpretações baseadas em conceitos como vitória e derrota, eu e os outros, certo e errado. Assim passas por tudo isso e alcanças um reino de grande repouso e tranquilidade.

Abrir a Mente

O Zen exige abrir a mente e perder toda a falsa cognição e falsas visões. Quando nada prende a tua mente e passaste limpo por tudo, então estás pronto para o refinamento.

Os Ensinamentos do Buda

Quando um Buda aparece no mundo e expõe vários ensinamentos conforme as inclinações das pessoas, todos os ensinamentos são expedientes, apenas com o propósito de quebrar obsessões, dúvidas, interpretações intelectuais e ideias egocêntricas.

Se não houvesse tal consciência e visões falsas, não haveria necessidade de budas aparecerem e exporem tantos ensinamentos.

Libertação

No Zen, a libertação súbita para a realização não depende de ruína nem de apoio por parte dos outros. Mantém-te totalmente à parte e um dia passarás audazmente com sentidos penetrantes para experimentar o Zen diretamente. Depois usas isso à vontade, ages à vontade, sem tantas coisas a ocuparem-te a mente.

Quando isto se desenvolve até à maturidade e largares tudo de uma vez, alcanças imediatamente repouso e conforto onde estás.

Zen Mal Cozido

O mais difícil de corrigir é o Zen mal cozido, onde te agarras à quietude e consideras isso o tesouro supremo, mantendo-o no coração, consciente dele constantemente, carregando uma mistura de conhecimento e compreensão, afirmando ter visão e a aprovação de um mestre Zen, aumentando apenas o teu egoísmo.

A Mente Zen

Naqueles que alcançam o Zen, as maquinações mentais desaparecem, a visão e a acção são esquecidas e não há visões subjetivas.

Os adeptos Zen mantêm-se simplesmente livres, e são impercetíveis para todos, sejam apoiantes ou opositores.

Caminham no fundo do oceano mais profundo, incontaminados, com mente livre, agindo normalmente, indistinguíveis da pessoa comum.

Mesmo libertando a mente diretamente e desenvolvendo-se até este estado, ainda assim não querem permanecer aí.

Sentem o mais pequeno detalhe como montanhoso; tudo o que pareça causar obstáculo afastam imediatamente.

Embora isto seja puramente o campo do noumeno, não há nada aqui a agarrar. Se te agarras, torna-se uma visão pegajosa.

Por isso se diz: “O Tao não se preocupa com união com a humanidade; quando as pessoas deixam de se preocupar, unem-se ao Tao.”

Como poderia alguém exhibir-se e afirmar ter alcançado o Zen?

Palavra Viva e Palavra Morta

Estuda a palavra viva do Zen, não a palavra morta. Quando compreendes a palavra viva, nunca a esqueces. Quando compreendes a palavra morta, nem a ti próprio consegues salvar.

A Espada da Morte, a Espada da Vida

Diz-se que precisas da espada que mata para matar, e precisas da espada que dá vida para dar vida.

Uma vez que as pessoas foram “mortas”, devem ser trazidas à vida, e uma vez que foram trazidas à vida devem ser mortas.

Se algum destes métodos for usado isoladamente, há desequilíbrio.

Não Procures o Zen

Se queres alcançar uma realização íntima do Zen, primeiro que tudo não o procures. O que é alcançado através da procura já caiu na intelectualização. O grande tesouro do Zen sempre esteve aberto e claro; sempre foi a fonte do poder de todas as tuas ações.

Mas só quando paras a mente compulsiva, até ao ponto em que nem um único pensamento nasce, é que passas à liberdade, não caindo nos sentimentos nem te detendo nos conceitos, transcendendo tudo completamente.

Então o Zen é óbvio em todo o lado no mundo, com a totalidade de tudo por todo o lado a tornar-se na sua grande função.

Tudo provém do teu próprio coração. É isto que um antigo chamou de trazer à luz o tesouro de família.

Experiência Direta do Zen

O Zen originalmente não se baseia em slogans, apenas aponta diretamente para a mente humana.

O apontar direto é apenas apontar para aquilo que é inerente a todos, embora envolto numa concha de inconsciência.

Quando o ser inteiro aparece responsivamente, não é diferente daquele dos sábios de antigamente.

É isto que se chama a luminosidade subtil, originalmente pura, da essência naturalmente real, que engole e cospe o universo inteiro, livre individualmente dos sentidos materiais.

Só ao desapegar-se dos pensamentos e cortar os sentimentos, transcendendo completamente os parâmetros comuns, com grande perceção e grande discernimento, usando o poder inerente, isto pode ser experienciado diretamente na tua situação presente.

Realização Zen

Um mestre antigo disse: “Aqueles que alcançaram o Zen mantêm-se sempre livres, sem desejos e independentes.”

Prática Zen

Basta acalmar os pensamentos na mente. É bom fazer isto mesmo no meio da perturbação. Quando trabalhas nisso, penetra nas alturas e nas profundezas.

Libertação

Larga todas as tuas ideias anteriores, opiniões, interpretações, conhecimentos mundanos, intelectualismo, egoísmo e competitividade; torna-te como uma árvore morta, como cinzas frias. Quando chegas ao ponto em que os sentimentos acabam, as visões desaparecem e a tua mente está limpa e nua, abres-te à realização Zen.

Depois disso, é também necessário desenvolver consistência, mantendo a mente pura e livre de adulterações em todos os momentos. Se houver a mínima oscilação, não há esperança de transcender o mundo.

Corta resolutamente e o teu estado será pacífico. Quando não podes ser incluído em nenhum estágio, seja de sábios ou de pessoas comuns, então és como um pássaro liberto da gaiola.

Determinação

O Caminho é alcançado pela iluminação. A primeira prioridade é estabelecer a determinação—não é pouca coisa passar diretamente da condição de pessoa comum para a experiência transcendente do domínio dos sábios. Exige que a tua mente seja firme como aço para cortar o fluxo do nascimento e da morte, aceitar a tua verdadeira natureza original, não ver nada como existindo dentro ou fora de ti, e tornar o teu coração perfeitamente claro, sem qualquer obstáculo, para que todas as ações e esforços surjam do fundamental.

O Ponto Essencial

O ponto essencial em aprender Zen é tornar as raízes profundas e o caule firme. Vinte e quatro horas por dia, toma consciência de onde estás e do que fazes.

Quando nenhum pensamento surge e nada há na mente, fundes-te com o ilimitado e tornas-te totalmente vazio e imóvel. Então as tuas ações não são interrompidas pela dúvida ou hesitação.

Isto é chamado de questão fundamental mesmo diante de ti.

Assim que produzes uma opinião ou interpretação, e queres alcançar o Zen e ser mestre, já caíste nos domínios psicológico e material. Tornaste-te prisioneiro dos sentidos e percepções comuns, das ideias de ganho e perda, de certo e errado. Meio embriagado, meio sóbrio, não consegues agir eficazmente.

Não Te Demores

Assim que sentires qualquer demora ou obstáculo, tudo isso é imaginação falsa. Torna a tua mente limpa e livre, como o espaço, como um espelho, como o sol no céu.

Autonomia e Integração

Quando és livre e independente, não és condicionado por nada, por isso não procuras a libertação. Consumando o processo do Zen, tornas-te uno. Então não há coisas mundanas fora do Budismo, e não há Budismo fora das coisas mundanas.

Consultar Mestres

Recua por tua conta e observa a realidade tempo suficiente para alcançar uma experiência inequívoca e real de iluminação. Então, a cada pensamento, estás a consultar mestres infinitos.

Substância e Função

Completo, tranquilo, aberto, imóvel—assim é a substância do Caminho.
Expandir, contrair, matar, dar vida—assim é a sua função subtil.

Extremos

Se não alcançaste visão clara e verdadeira, isso leva-te a cair em extremos, perdendo o contacto com a realidade.

Ferramentas

As palavras dos budas e dos mestres Zen são apenas ferramentas, meios de aceder à verdade. Uma vez que estejas claramente iluminado e experiences a verdade, todos os ensinamentos estão em ti.

Então olhas para os ensinamentos verbais dos budas e dos mestres Zen como algo do domínio dos reflexos ou dos ecos, e não os trazes à cabeça.

Mau Uso das Ferramentas

Hoje em dia muitos estudantes de Zen não vão à raiz do projeto do Zen, tentam apenas apanhar frases e discuti-las em termos de familiaridade e estranheza, de ganhar e perder. Interpretam o efémero como sendo real.

Flocos de Neve no Forno

Deves abster-te de depender de seja o que for, puro ou impuro. Assim, atenção e ausência de atenção, visões e ausência de visão, serão como um floco de neve num forno em brasa.

Não-Mente

Quando estás interiormente vazio e tranquilo, enquanto exteriormente te manténs desapegado da percepção, naturalmente atinges uma experiência penetrante de não-mente. Isto significa que, mesmo que tudo aconteça de uma só vez, isso não perturba o teu espírito; e mesmo que todos os tipos de dificuldades se apresentem diante de ti, isso não afeta os teus pensamentos.

Resposta Serena

Quando és capaz de responder ativamente às mudanças no meio da agitação da vida, mantendo-te interiormente vazio e sereno, e também evitas o apego à quietude quando te encontras num ambiente calmo, então, onde quer que estejas, é aí que vives. Só aqueles que atingiram o fundamental são capazes de estar interiormente vazios e, ao mesmo tempo, exteriormente harmoniosos.

Zen Vida e Morte

A capacidade de falar não está apenas na língua; a habilidade de comunicar não é apenas uma questão de palavras.

Os iluminados sabem que as palavras faladas não são dignas de confiança, e

por isso os ditos dos antigos mestres Zen tinham apenas a intenção de levar as pessoas a testemunharem diretamente o nexo de causas e condições que constitui aquilo que sempre foi a maior preocupação.

Assim, os ensinamentos das escrituras budistas são como dedos a apontar para a lua. Quando conheces esta questão de maior importância, deixas o estudo formal e aplicas este conhecimento de forma plena, usando-o com penetração abrangente.

Eventualmente, chegarás ao ponto de imobilidade, onde podes pegar no Zen e usá-lo, guardá-lo ou libertá-lo com mestria.

Então consegues ver através das situações comuns e desapegar-te delas sem deixar rasto.

E, quando chegares à fronteira entre vida e morte, quando se interligam mas não se misturam, partirás serenamente, imperturbável. Este é o Zen de enfrentar a morte.

Mestres Zen

Os mestres Zen devem ser compassivos, gentis e hábeis na adaptação, lidando com as pessoas de forma imparcial, cuidando dos seus próprios assuntos e não competindo com ninguém.

Lidar com a Oposição

Se as pessoas encontram falhas em ti e tentam manchar a tua reputação, caluniando-te e difamando-te injustamente, basta recuar e observar-te. Não albergues qualquer aversão, não entres em disputas, e não te irrites, enfureças ou ressintas.

Corta isso de imediato e comporta-te como se nunca o tivesses ouvido ou visto.

Eventualmente, as pragas maliciosas desaparecerão por si próprias.

Se disputares com elas, um mau nome irá e voltará sem fim à vista.

Iluminamento Zen e Trabalho Zen

Um antigo mestre Zen disse que o Zen é como aprender tiro com arco; só após longa prática é que se acerta no alvo.

O iluminamento é experienciado de forma instantânea, mas o trabalho Zen deve ser feito durante muito tempo, como uma ave que, ao nascer, está nua e frágil, mas depois cria penas ao ser alimentada, até poder voar alto e longe. Por isso, aqueles que atingiram um iluminamento claro e penetrante ainda necessitam de afinação.

Quanto às situações mundanas, que sufocam as pessoas comuns, aqueles que atingiram o Zen atravessam-nas todas mantendo-se vazios. Assim, tudo é a sua própria porta para a libertação.

Falsos Mestres Zen

Mestres Zen sem a metodologia de verdadeiros peritos inevitavelmente

enganam aqueles que tentam ensinar, conduzindo-os à confusão e brincando com um amontoado de curiosidades.

Dispositivos Zen

A intenção de todos os dispositivos, estados, ditos e expressões Zen está na sua capacidade de atrair o buscador. O único ponto importante é a libertação — as pessoas não devem apegar-se aos meios.

Cliché

Embora os grandes mestres Zen não estabelecessem clichés e slogans, eventualmente os buscadores entenderam mal e transformaram isso num cliché e num slogan — fizeram um cliché da ausência de cliché e um slogan da ausência de slogan. Não se deve confundir os meios com o fim.

Percepção e Resposta

A menos que o teu coração esteja aberto e sereno, sem nada que toque nos teus sentimentos, como podes responder de forma completa e sem erro e perceber as coisas antes de elas começarem a agir?

Natureza Essencial e Verdade Última

O estudo do Zen exige que vejas a tua natureza essencial e compreendas a verdade última.

Esquece imediatamente os sentimentos e desapega-te das percepções, de forma que o teu coração fique claro e a tua mente simples, sem comparar ganho e perda, sem disputar melhor e pior.

Despreocupação

Corta através de todas as situações e não permitas que a tua mente continue com pensamentos sobre se estas situações são favoráveis ou adversas.

Eventualmente, alcançarás naturalmente o reino do não-agir e da despreocupação. Mas, se tiveres o mais leve desejo de despreocupação, isso já se tornou uma preocupação.

Orgulho

Se tiveres a ideia de superioridade e te orgulhares da tua habilidade, isso é um desastre.

Conceitos e Treino

Estudar o Zen de forma conceptual é como perfurar gelo à procura de fogo, ou cavar um buraco para procurar o céu. Apenas aumenta a fadiga mental.

Estudar o Zen apenas pelo treino é como acrescentar lama à terra, espalhar areia nos olhos, dificultando cada vez mais o caminho.

Zen Penetrante

As pessoas de espírito aguçado devem ter os pés assentes no chão e uma espinha de ferro, viajando pelo mundo e vendo tudo como ilusório, mantendo-se firmes e como mestres, não seguindo sentimentos humanos, cortando a discriminação entre outros e si mesmo, e eliminando interpretações intelectuais do Zen.

Então, no que toca à função prática, respondendo às condições, não caem em clichés. Desenvolvem persistência focada, mantêm uma calma profunda, tornam leve o corpo e a mente e, no meio do labor do mundo, penetram até à liberdade.

Confiança e Percepção

Se conseguires abandonar o conhecimento e compreensão anteriores, tornando assim o teu coração aberto, sem manter nada na mente, e experimentares uma clareza vazia e sólida onde a fala e o pensamento não se aplicam, fundir-te-ás diretamente com a fonte fundamental, afundando-te no infinito, alcançando espontaneamente a sabedoria inerente que nada alcança. A isto se chama confiança total e percepção penetrante. Além disso, ainda resta um potencial e uma função grandiosos, ilimitados e insondáveis por realizar.

Tropeçar para Lá

Assim que tentas perseguir e agarrar o Zen, já tropeçaste e passaste ao lado.

Experiência Zen

Põe de lado todos os slogans que aprendeste e todas as visões intelectuais coladas à tua pele e carne. Esvazia a mente, não manifestando pensamentos por conta própria, não fazendo absolutamente nada. Então podes atingir uma experiência Zen plena.

Mas, mesmo quando chegares a este ponto, deves ainda compreender que há uma ação progressiva que transcende o mestre.

Zen Direto

Se tens grande percepção e capacidade, não é necessariamente preciso contemplar os ditos e histórias dos antigos mestres Zen. Basta corrigires a tua atenção e aquietares a mente desde o momento em que te levantas de manhã e, seja o que for que digas ou faças, revê cuidadosamente e vê de onde vem e o que faz acontecer tudo isso.

Uma vez que consigas passar através, bem no meio das condições mundanas presentes, o mesmo se aplica a todas as condições — para que necessidade há de as remover?

Então podes ir para além do “Zen”, transcender todos os parâmetros e produzir magicamente um santuário de pureza, esforço e frescura, bem no meio da agitação do mundo.

Não-Dualismo

Não tens de abandonar as atividades mundanas para alcançares a despreocupação sem esforço. Deves saber que as atividades mundanas e a despreocupação sem esforço não são duas coisas diferentes — mas, se continuares a pensar em rejeitar e agarrar, transforma-las em duas.

Não-Permanecer

Uma escritura diz: “Todas as coisas se estabelecem sobre uma base de não-permanência.”

Outra escritura diz: “Ativa a mente sem permanecer em nada.”

Um antigo mestre Zen disse: “Não te preocupes nem permaneças em nada, seja do mundo ou para além do mundo.”

Se permaneces em algo, ficas preso e não consegues mudar de forma eficaz.

Zen Subjetivo

Muitas pessoas inteligentes compreendem o Zen de forma subjetiva e não conseguem largar a sua subjetividade. Aquietam a mente sem experienciar a sua verdadeira natureza e pensam que isso é o vazio. Tentam abandonar a existência para se apegar ao vazio. Isto é uma doença grave.

Dissolver Ilusões

É necessário desapegar-se tanto da rejeição como do apego, tanto do ser como do não-ser, para que fiques livre de peso, completamente tranquilo, vazio e imóvel, calmo e em paz.

Então podes confiar nesta mente verdadeira, pura e indizível; e quando as condições mundanas chamam ao envolvimento, percebes que ela não as acompanha.

Só o podes fazer com trabalho prolongado por conta própria, vazio e livre, para dissolver ilusões e alcançar a tua própria percepção.

Mente Básica

Quando estás consciente da completude, fluidez e ilimitabilidade da mente básica, como podem os objetos sensoriais ser-lhe parceiros? A mente básica é absolutamente livre, aberta e pura, clara e etérea; mantém-te plenamente consciente dela e não permitas superficialidade. Então será tão elevada que nada estará acima dela, tão ampla que não terá limites; limpa e nua, perfeitamente redonda, esta mente básica está sem contaminação nem artifício.

MESTRE ZEN FOYAN

Poupar Energia

A prática Zen exige desapego do pensamento. Esta é a melhor forma de

poupar energia. Basta desapegar-se do pensamento emocional e compreender que não existe um mundo objetivo. Então saberá como praticar Zen.

Mente e Mundo

Era uma vez um monge que se especializara nos preceitos budistas e os observara toda a vida. Certa noite, enquanto caminhava, pisou algo que fez um som mole, e imaginou ter pisado numa rã prenhe. Isto causou-lhe grande alarme e arrependimento, tendo em conta o preceito budista contra tirar a vida, e, quando finalmente adormeceu nessa noite, sonhou que centenas de rãs vinham exigir-lhe a vida.

O monge ficou profundamente perturbado, mas, quando amanheceu, viu que o que pisara fora uma beringela demasiado madura. Nesse momento, a sua sensação de incerteza desapareceu subitamente, e, pela primeira vez, compreendeu o significado do ditado de que não existe mundo objetivo. Então soube, finalmente, como praticar Zen.

Zen Inerente

Porque não compreende a sua natureza, se ela está inerentemente presente?

O Budismo não é nada de complicado — basta ir ao essencial.

Não lhe ensinamos a aniquilar pensamentos aleatórios, a suprimir corpo e mente, a fechar os olhos e dizer que isso é Zen. Zen não é assim.

Deve observar o seu estado presente — qual é a razão para ele? Porque fica confuso?

Discriminação e Não-discriminação

Deve tomar consciência da mente não-discriminatória sem abandonar a mente discriminatória; tomar consciência daquilo que não tem perceção sem abandonar a perceção.

Independência

Para que vai a um “centro Zen”? Deve sustentar-se por si próprio e não ouvir o que os outros dizem.

Quem É?

Volte-se para a sua própria visão — pense na mente que pensa. Quem é?

Olho da Mente

É como se tivesse um olho que vê todas as formas mas não se vê a si mesmo — assim é a sua mente. A sua luz penetra em todo o lado e abarca tudo, então porque não se conhece a si mesma?

Racionalizações

Assim que racionaliza, torna-se difícil compreender o Zen. Tem de parar de racionalizar antes de o conseguir.

Algumas pessoas ouvem este tipo de ensinamento e dizem que não há nada

para dizer nem razão alguma — não percebem que, ao fazer isso, já estão a racionalizar.

Andar em Círculos

Porque não compreende a sua mente? Primeiro transforma “a sua própria mente” num cliché, depois usa a mente para procurar realizá-la. Isto é como cravar um prego num cepo e depois andar em círculos à sua volta.

Reconhecimento

A iluminação Zen é como se tivesse estado muitos anos longe de casa e, de repente, visse o seu pai na cidade. Reconhece-o de imediato, sem qualquer dúvida. Não é preciso perguntar a ninguém se é o seu pai ou não.

Percepção Zen

Só pode ser chamado estudante Zen quando percebe antes que os sinais apareçam, antes de cair no pensamento, antes que surjam as ideias.

Recuar

Deve recuar e investigar. Como recuar? Não é ficar sentado a ignorar tudo, reprimindo rigidamente corpo e mente como se fossem terra ou madeira — isso nunca resultará.

Quando quer recuar, se houver ditos que não compreende, ou histórias que não entende, é exatamente aí que deve focar-se. Recuar e ver por si mesmo porque não entende.

Dúvida e Compreensão

Se quer compreender o Zen, deve questionar-se interiormente para estudá-lo a fundo. Se questionar profundamente, surge o conhecimento transcendental.

Apenas Você

Um antigo mestre Zen, vendo um monge descer umas escadas, chamou por ele: “Reverendo!” O monge virou-se, e o mestre disse: “Do nascimento à velhice, é apenas você — porque vira a cabeça e revolve os miolos?”

O monge compreendeu o Zen com esta observação.

Qual é este princípio? “Do nascimento à velhice, é apenas você.” Diga-me, quem é esse? Assim que desperta a intenção de ver quem é, deixa de se ver. É difícil ver-se a si próprio — muito difícil.

Hoje em dia, as pessoas dizem: “Eu sou eu — quem mais seria?” Noventa e nove em cada cem entendem assim. Que tipo de compreensão é essa? Se entende dessa forma, como compreende a questão de “do nascimento à velhice”? Como pode ver que é apenas você?

Zen Personalista

As pessoas de hoje são iguais às de sempre, e as suas capacidades também:

constantemente flutuantes. A razão da sua incerteza é criarem compreensões intelectuais das palavras dos mestres Zen antigos, usando abordagens personalistas.

Má Compreensão

Os mestres Zen antigos eram tão compassivos que diziam: “A atividade é atividade de Buda, sentar é sentar de Buda, todas as coisas são ensinamentos de Buda, todos os sons são vozes de Buda.” Contudo, é um erro pensar que isto significa que todos os sons são realmente a voz da iluminação, ou que todas as formas são realmente formas da iluminação.

Fixação

No momento em que se fixa no reconhecimento de que “Isto é ‘isso’”, fica imediatamente preso de pés e mãos e já não pode mover-se. Assim que surge esta fixação, nada está certo, seja o que for. Se não se fixar no reconhecimento, ainda pode ser salvo.

É como construir um barco e equipá-lo para uma viagem de mil milhas até a um tesouro; se cravar uma estaca e amarrar o barco a ela antes de se lançar a remar, pode remar até ao fim dos tempos e continuar na praia. Vê o barco a balançar e pensa que está a avançar, mas nunca deu um passo.

Conhece-te a Ti Mesmo

Digo às pessoas para se conhecerem a si próprias. Algumas pensam que isto significa o que os principiantes observam e consideram fácil de entender. Reflita com mais cuidado e calma — o que chama a si próprio?

Mau Uso

O Budismo é um ensinamento de fácil compreensão que poupa energia, mas as pessoas causam dores a si mesmas. Os antigos, vendo as pessoas indefesas, diziam-lhes para tentarem meditar em silêncio. Era um bom conselho, mas mais tarde as pessoas não entenderam o que eles queriam dizer, e fecharam os olhos, suprimiram corpo e mente, e ficaram sentadas como blocos à espera de iluminação. Que tolice!

Objetos Subjetivos

Os objetos são definidos subjetivamente. Como são definidos arbitrariamente, isso dá origem à sua subjetividade arbitrária.

Não-subjetividade

Quando vê, que não haja quem vê nem coisa vista; quando ouve, que não haja ouvinte nem coisa ouvida; quando pensa, que não haja pensador nem pensamento.

O Budismo é extremamente simples e poupa a máxima energia. É apenas você que desperdiça energia e cria problemas para si mesmo.

O Véu da Luz

Alguns estudantes Zen avançados dizem que não racionalizam de todo, não calculam nem comparam, não se apegam a som e forma, não se apoiam na impureza ou pureza. Dizem que o sagrado e o profano, a ilusão e a iluminação, são um único vazio claro. Dizem que não há tais coisas no meio da grande luz. Estão velados pela luz da sabedoria, fixados na sabedoria. São incuráveis.

Distorcido por um Mestre

O segundo patriarca do Zen falava onde quer que estivesse, e todos os que o ouviam alcançavam a verdadeira consciência. Não estabelecia slogans nem falava de causas e efeitos da prática e realização.

No seu tempo havia um certo mestre de meditação que enviou o seu melhor discípulo para escutar o patriarca Zen. O discípulo nunca regressou. O mestre de meditação enfureceu-se e, numa reunião, censurou o antigo discípulo por deslealdade.

O discípulo respondeu: “A minha percepção era originalmente verdadeira, mas foi distorcida por um mestre.”

Mais tarde, alguém perguntou a um mestre Zen: “Onde está o meu poder de percepção?” O mestre Zen respondeu: “Não é obtido de um mestre.”

Esta é a forma de alcançar o Zen. Um antigo disse: “O Caminho está sempre com as pessoas, mas as pessoas perseguem as coisas.”

Inverter as Coisas

As escrituras dizem: “Se puder inverter as coisas, isso é o mesmo que iluminação.” Como inverter as coisas?

As escrituras também dizem: “Todas as aparências são ilusórias. Se vir que as aparências não são iguais às verdadeiras características, vê de onde vem a iluminação.”

Um mestre Zen antigo disse: “Se negar as aparências tal como as vê, não verá de onde vem a iluminação.”

Basta recuar, parar as maquinações mentais e tentar tomar consciência de todas as implicações destas palavras. Se de repente vir através delas, como poderá ser afetado por algo?

O Que o Ilude?

Só quando chegar de facto ao estado em que não há nem ilusão nem iluminação é que estará finalmente confortável e a poupar a máxima energia. Mas, para isso, tem de ser alguém que não tenha nem ilusão nem iluminação. Durante as vinte e quatro horas do dia, o que é que o ilude? Deve fazer uma avaliação honesta de si mesmo.

Onde Não Pode Enganar-se

Quando se senta a meditar e entra em absorção, não deve ter preocupações ou problemas em si mesmo. Tente pensar de forma independente, sozinho. Os

outros não sabem o que faz o tempo todo. Reflita sobre si mesmo e veja se o que faz está de acordo com a verdade ou não. Aqui não se pode enganar.

Um Método de Iluminação Súbita

Basta não despertar a mente nem agitar pensamentos durante vinte e quatro horas por dia. Então compreenderá a realização completa de uma só vez.

Procurar sem Procurar

Se procura, em que difere de perseguir som e forma? Se não procura, em que difere de terra, madeira ou pedra? Deve procurar sem procurar.

Mestre Zen Foyan

Percepção Errada

Imagine que um pouco de sujidade fica colada ao nariz de um homem enquanto ele dorme. Quando acorda, sem saber o que aconteceu, pode notar um odor e começar a cheirar a sua camisa. Pensando que a camisa cheira mal, tira-a. Mas, depois, tudo o que pega cheira-lhe mal. Não percebe que o cheiro está no nariz.

Alguém lhe diz, mas ele não acredita. Dizem-lhe para limpar o nariz, mas ele recusa.

Ele perceberá mais depressa se limpar o nariz, mas, quando eventualmente lavar a cara, verá que não há cheiro. Então descobrirá que, ao cheirar as coisas, afinal não têm mau odor.

O estudo Zen é assim. Aqueles que não param para olhar para dentro de si mesmos continuam à procura de compreensão intelectual. Essa busca de compreensão intelectual, procurando racionalizações e fazendo comparações, está toda errada.

Se as pessoas voltassem a atenção para si próprias, compreenderiam tudo.

Racionalizações

Noutros lugares, ou o põem a trabalhar ou o deixam sentado. Aqui não o ponho a trabalhar nem o deixo sentado. Isto é fácil de compreender, com o mínimo de esforço, então porque não compreende? Simplesmente por causa das suas incontáveis e engenhosas racionalizações. É isso que dificulta a sua compreensão.

Percepções Comuns e Iluminação

Como pode equiparar percepções comuns à verdadeira iluminação súbita?

A iluminação súbita é como quando um camponês, lavrando os campos, encontra uma das pílulas da imortalidade e, depois de a tomar, vai para o céu com toda a família.

É também como uma pessoa comum ser feita primeiro-ministro.

Nos ensinamentos budistas, diz-se que as percepções comuns são como um

pote de barro que não foi cozido e, por isso, não pode ser usado. É preciso coze-lo no fogo antes de o poder utilizar. Isso é como atingir a iluminação súbita.

Zen e Iluminação

Uma vez perguntei ao meu mestre: “Há iluminação efetiva no Zen?”

Ele respondeu: “Como poderia ser alcançado sem iluminação? Mas procura sem pressa nem excitação.”

O Que Está Errado?

Da sua parte, obviamente há algo de errado consigo — é por isso que procura nos outros uma certeza. Se estivesse tudo bem, porque iria perguntar aos outros?

O Que Está Certo?

Limito-me a indicar onde está certo. Se estiver errado, nunca lhe direi que está certo. Esperarei até estar certo. Só concordarei consigo quando estiver certo. Consigo ver tudo. Quando vejo as pessoas a virem ter comigo, sei se têm iluminação ou não, e se têm compreensão ou não, como um médico que reconhece uma doença à primeira vista e sabe a sua natureza e se pode ou não ser curada.

Quem tem de perguntar por cada sintoma para descobrir o que está errado é um médico medíocre.

Uma Soneca de Zen

Hoje em dia há pessoas que simplesmente se sentam como estão. Ao início estão atentas, mas passado algum tempo ficam com sono. Nove em cada dez ficam ali a cochilar. Se não sabe trabalhar, como pode sentar-se teimosamente à espera de compreender?

Zen a Dormir e a Comer

O meu mestre dizia: “Quando dormes, estuda Zen enquanto dormes. Quando comes, estuda Zen enquanto comes.”

Zen Verdadeiro, Imitado e Restante

Costuma dizer-se que há budismo verdadeiro, e depois imitações e restos. Eu digo que o budismo não tem versões verdadeiras, imitadas e restantes. O budismo está sempre no mundo: se percebes o sentido, é verdadeiro; se falhas o sentido, é uma imitação ou um resto.

Limites e Armadilhas

Não deves estabelecer limites na abertura ilimitada, mas, se transformares o ilimitado em “abertura ilimitada”, já te prendeste.

É por isso que aqueles que compreendem o vazio não têm uma imagem

mental do vazio.

Se as pessoas usam palavras para rotular e descrever a mente, nunca apreendem a mente; mas, se não usam palavras para rotular e descrever a mente, também não a apreendem.

Transcender Sujeito e Objeto

Aqueles que alcançam a iluminação Zen transcendem sujeito e objeto. Não há outro princípio misterioso além deste.

No curso das atividades diárias comuns, quando vês cores, é um momento de realização, e quando ouves sons, é um momento de realização. Quando comes e bebes, também é um momento de realização. Isto significa que todos estes são momentos de realização quando transcendemos sujeito e objeto em tudo. Isto não é uma questão de prática prolongada, nem exige cultivo. Está aqui mesmo, mas as pessoas do mundo não o reconhecem.

Por isso se diz: “Só com a realização experiencial conheces o insondável.”

Revelação Natural

O Caminho não se torna evidente apenas depois de explicação e demonstração, pois está sempre a ser revelado naturalmente.

A explicação e a demonstração são expedientes usados para permitir que compreendas intuitivamente; são apenas desvios temporários.

Quer atinjas a realização através da explicação, quer entres por meio da demonstração, quer chegues ao objetivo por percepção espontânea através de consciência individual, no fim não há nada de diferente nem conquista separada.

É apenas uma questão de chegar à fonte da mente.

Uma Vaca Sagrada

As pessoas que estudam Zen hoje pensam que o diálogo é essencial à escola Zen. Não percebem que isso é agarrar e rejeitar, produzindo imaginação.

Examina-te

Deves saber como te examinar antes de poderes atingir o Zen. É por causa de mentes confusas que as pessoas se esforçam no Caminho; vão a montanhas e florestas para ver mestres, na falsa suposição de que existe um caminho particular que possa dar paz e conforto. Não sabem que é melhor trabalhar para descobrir onde se confundiram.

Muitas pessoas hoje consideram a consciência imediata e refletora como a regra suprema. É por isso que um mestre antigo disse: “Ela existe onde não há pessoas?”

O Poder do Caminho

Para aqueles que chegam ao Caminho, tudo é “isso”. Esse poder é muito grande.

É apenas a infecção da interminável falsa consciência que torna defeituosa a função desse poder.

Mestre Zen Dahui

O Reino dos Iluminados

A Escritura da Guirlanda de Flores diz: “Se queres conhecer o reino dos iluminados, deves tornar a tua mente tão clara como o espaço; desapegar-te das imaginações subjetivas e de todo o apego, tornando a tua mente desimpedida onde quer que se volte.”

O reino dos iluminados não é um reino externo com características manifestas; a budeidade é o reino do conhecimento sagrado encontrado em si mesmo.

Não precisas de parafernália, práticas ou realizações para o alcançar — o que precisas é de limpar as influências das aflições psicológicas ligadas ao mundo exterior que se acumularam na tua psique desde tempos sem princípio.

Torna a tua mente tão aberta como o espaço cósmico; desapega-te dos apegos da consciência conceptual, e as falsas ideias e imaginações também serão como espaço vazio. Então esta mente subtil e sem esforço será naturalmente desimpedida onde quer que se volte.

Ver o Buda em Todo o Lado

A Escritura da Guirlanda de Flores diz: “Não vejas o Buda num fenómeno, num evento, num corpo, numa terra, num ser — vê o Buda em todo o lado.”

Buda significa desperto, estar consciente em todo o lado e sempre. Ver o Buda em todo o lado significa ver o teu próprio Buda inerente e natural na fonte fundamental de ti mesmo.

Não há um único momento, um único lugar, um único fenómeno, um único evento, um único corpo, uma única terra, um único reino de ser, onde isto não esteja presente.

Interromper Pensamentos

Quando estás a estudar Zen, ao encontrar pessoas e lidar com situações, nunca deixes que maus pensamentos continuem. Se surgir um mau pensamento sem te dares conta, foca imediatamente a atenção e elimina-o. Se apenas seguides esse pensamento e continuares assim, não só dificultarás a realização Zen como te tornarás tolo.

Cuida da Tua Vida

“Não puxes o arco de outro, não montes o cavalo de outro, não te intrometas na vida de outro.”

Embora seja um ditado comum, também pode ajudar-te a penetrar no Zen.

Basta examinares-te constantemente — do amanhecer à noite, o que fizeste que seja benéfico para os outros e para ti?

Se notares alguma parcialidade, deves alertar-te e não a ignorar.

Mente Vazia

“Quando não tens mente, é fácil encontrar o Zen.”

Na terminologia Zen, “ausência de mente” não significa insensibilidade ou ignorância. Significa que a mente está estável e não se agita com as situações e circunstâncias que encontra; significa que a mente não se agarra a nada, está clara em todas as situações, desimpedida e não manchada, não permanecendo em nada, nem mesmo na não-manchidão.

O Propósito da Quietude

Aqueles que estudam Zen devem estar mentalmente tranquilos vinte e quatro horas por dia. Quando não tens nada para fazer, também deves sentar-te em silêncio, mantendo a mente alerta e o corpo sereno.

Eventualmente, quando estiveres plenamente treinado nisso, o corpo e a mente tornam-se espontaneamente pacíficos e calmos, e terás alguma orientação no Zen.

A perfeição do silêncio mental serve apenas para acalmar a consciência dispersa e confusa. Se te apegares à quietude como sendo o último objetivo, serás enganado pelo falso Zen da iluminação silenciosa.

A Fonte da Mente

O bem e o mal vêm da tua própria mente. Mas o que chamas à tua própria mente, à parte das tuas ações e pensamentos? De onde vem a tua própria mente?

Se realmente souberes de onde vem a tua própria mente, obstáculos infinitos causados pelas tuas próprias ações serão eliminados de uma só vez.

Depois disso, todos os tipos de possibilidades extraordinárias virão até ti sem as procurares.

O Estado Natural

Se queres esvaziar todas as coisas, primeiro limpa a tua própria mente.

Quando a tua mente está clara e limpa, todos os enredos cessam.

Quando os enredos cessam, tanto a substância como a função estão no seu estado natural. “Substância” significa a fonte clara e pura da tua própria mente; “função” é a função maravilhosa da tua mente de mudança e criação, que entra tanto na pureza como na impureza sem ser afetada ou apegada a nenhuma delas.

Adaptação

Antigamente, o ensino Zen era por vezes abstrato, por vezes concreto, por vezes baseado num momento específico, por vezes transcendental. Não havia padrão fixo algum.

Zen Verdadeiro

Se pensas que existem formulações verbais que são segredos misteriosos especiais a serem transmitidos, isso não é Zen verdadeiro.

Zen verdadeiro não tem transmissão. Trata-se apenas de as pessoas o experienciarem, resultando na sua capacidade de ver a visão umas das outras e de comunicar tacitamente.

O Teu Próprio Assunto

O Zen não está na quietude, nem no clamor. Não está no pensamento e na discriminação, nem no lidar com os assuntos diários. Mas, mesmo assim, é de máxima importância que não abandones a quietude e o clamor, o lidar com os assuntos diários ou o pensamento e a discriminação, para estudar Zen.

Quando os teus olhos se abrirem, verás que tudo isto é da tua conta.

Zen de Mau Tempo

Muitas pessoas que estudam Zen têm uma pressa ardente de aprender Zen quando os seus assuntos mundanos não lhes correm bem, mas depois abandonam o Zen quando se tornam bem-sucedidas no mundo.

Paz e Quietude

Quando alcançares paz e quietude mental e física, não fiques preso à paz e quietude. Sê independente e livre, como uma cabaça a rolar e a flutuar num rio.

Zen Vivo

Para alcançar a iluminação Zen, não é necessário abandonar a vida familiar, deixar o emprego, tornar-se vegetariano, praticar ascetismo e fugir para um local tranquilo, para depois entrar numa caverna fantasmagórica de Zen morto e alimentar imaginações subjetivas.

Zen Degenerado

Nos tempos modernos, o Zen e o Budismo tornaram-se extremamente degenerados. Há mestres incompetentes que, basicamente, carecem eles próprios de iluminação e têm uma consciência caótica e pouco fiável. Sem verdadeira mestria, recebem alunos e ensinam todos a serem como eles próprios.

Meditação Silenciosa

Se tens praticado meditação silenciosa, mas a tua mente continua sem calma e liberdade no meio da atividade, isto significa que não foste fortalecido pela tua meditação silenciosa.

Se tens praticado quietude apenas para te livrares da agitação, então, quando estiveres no meio da agitação, esta perturbará a tua mente como se nunca tivesses feito qualquer meditação silenciosa.

Poupar Energia

As pessoas andam ao contrário — ignorantes do verdadeiro eu, perseguem coisas, sofrendo voluntariamente dores imensuráveis na sua ânsia por um pouco de prazer. De manhã, antes de abrirem os olhos e se levantarem da cama, quando ainda estão meio acordadas, as suas mentes já voam em confusão, acompanhando pensamentos aleatórios. Embora ainda não tenham surgido atos bons ou maus, céu e inferno já se formaram nos seus corações antes mesmo de saírem da cama. No momento em que passam à ação, as sementes do céu e do inferno já estão implantadas nas suas mentes.

Não disse o Buda: “Todos os órgãos dos sentidos são recipientes manifestados pela tua própria mente. Os corpos físicos são manifestações das representações que a tua própria mente faz das formas, tal como as imagina subjetivamente. Estas manifestações são como o fluxo de um rio, como sementes, como uma lâmpada, como o vento, passando de instante a instante. Atividade frenética, atração por coisas impuras e voracidade são as causas dos hábitos inúteis e ilusórios que parecem ter existido sempre, como uma roda de água sempre a girar.”

Se realmente vês através disto, compreendes o significado de impessoalidade. Sabes que o céu e o inferno não estão noutra lugar senão no coração do indivíduo meio acordado prestes a sair da cama — não vêm de fora.

Enquanto estás no processo de acordar, debes prestar verdadeira atenção. Enquanto prestas atenção, não debes fazer qualquer esforço para lutar com o que quer que esteja a acontecer na tua mente. Enquanto lutas, desperdiças energia. Como disse o terceiro patriarca do Zen: “Se tentares parar o movimento e regressar à quietude, a tentativa de ficar quieto aumentará o movimento.”

Quando percebes que estás a poupar energia no meio do stress mundano dos assuntos diários, é aí que ganhas energia, é aí que alcanças a budeidade, é aí que transformas o inferno em céu.

Entusiastas de Zen

Há intelectuais profissionais que pensam saber tudo menos Zen, e por isso chamam alguns velhos monges incompetentes, dão-lhes uma refeição e deixam-nos dizer o que lhes vier à cabeça. Os intelectuais depois escrevem este palavreado e usam-no para julgar todos os outros. Trocam ditos e chamam a isto um encontro Zen, imaginando que saem a ganhar se tiverem a última palavra.

Nem percebem quando encontram pessoas com verdadeira percepção. Mesmo que as notem, estes intelectuais não têm verdadeira certeza e não procuram sinceramente compreensão junto dos mestres. Limitam-se a procurar aprovação, como sempre. Depois, quando os mestres demonstram o verdadeiro impacto transformador do Zen no meio de todo o tipo de situações, os intelectuais têm receio de se aproximar.

À Procura do Atalho

Quando tens um único pensamento de procurar um atalho no Zen, já meteste a cabeça numa tigela de cola.

Sintonia

Muitas pessoas hoje estudam Zen de forma aquisitiva — isto é realmente uma falsa ideia sobre o que não tem falsas ideias.

Basta libertares a tua mente. Mas não sejas demasiado tenso, nem demasiado solto — trabalhar assim poupar-te-á energia mental ilimitada.

Libertação

As pessoas têm sido usadas pela consciência conceptual da mente desde antes de se lembrarem, fluindo nas ondas de nascimento e morte, incapazes de serem independentes. Se querem abandonar o nascimento e a morte para estarem alegres e vivos, devem cortar de forma decisiva, interrompendo o curso da consciência conceptual da mente.

Escolas Zen

No Zen, não existem diferenças sectárias, mas, quando os estudantes carecem de uma vontade ampla e estável, e os mestres carecem de um ensino amplo e abrangente, então aquilo em que os alunos entram difere. Contudo, o ponto último do Zen não tem tais diferenças.

Passado, Presente e Futuro

O Buda disse que, quando a mente não agarra as coisas do passado, não anseia por coisas do futuro e não permanece nas coisas do presente, então percebe-se que passado, presente e futuro são vazios.

Não penses em eventos passados, bons ou maus, pois, se pensares neles, isso impede o Caminho. Não calcules assuntos futuros, pois, se calculares, enlouqueces. Não fixes a atenção nos assuntos presentes, desagradáveis ou agradáveis, pois, se a fixares, eles perturbarão a tua mente.

Lida apenas com as situações à medida que acontecem, e irás espontaneamente de acordo com estes princípios.

Mestre Zen Hongzhi

A Subtileza do Zen

Para aprender a subtileza do Zen, deves clarificar a mente e imergir o espírito no exercício silencioso da observação interior. Quando vês a fonte da realidade, sem qualquer obstrução, ela é aberta e sem forma, como a água no outono, clara e brilhante, como a lua afastando a escuridão da noite.

Descobrir por Si Mesmo

A mente, originalmente, está desprendida dos objetos; a realidade,

basicamente, não tem explicação. É por isso que um mestre Zen clássico disse: “A nossa escola não tem slogans nem doutrina para dar às pessoas.” Fundamentalmente, trata-se de as pessoas chegarem por si mesmas e descobrirem por si mesmas; só então podem falar sobre isso.

Mente Zen

Basta lavar imediatamente o pó e a sujidade dos pensamentos subjetivos. Quando o pó e a sujidade são lavados, a mente está aberta, brilhando intensamente, sem fronteiras, sem centro ou extremos. Completamente inteira, radiante de luz, brilha pelo universo, atravessando passado, presente e futuro. Isto é inerente a ti e não vem de fora. É o que se chama o estado de verdadeira realidade. Quem experimenta isto pode entrar em todo o tipo de situações, em resposta a todo o tipo de possibilidades, com uma função subtil maravilhosamente eficaz e naturalmente desimpedida.

O Zen de Todos

Desde o tempo do Buda e dos fundadores do Zen, nunca houve distinção entre ordenados e leigos, no sentido de que todos os que têm experiência pessoal precisa da verdadeira realização são considerados como tendo entrado na escola da mente iluminada e penetrado a fonte da religião.

Experiência Zen

Quando estás vazio e espontaneamente consciente, limpo e espontaneamente claro, és capaz de ter consciência panorâmica sem esforço para agarrar a percepção, e és capaz de discernir compreensão sem o peso do pensamento condicionado. Vais além do ser e do nada, e transcendes sentimentos concebíveis. Isto só é experienciado por união com isso — não é obtido de outro.

Vida Zen, Ação Zen

A vida mundana das pessoas que dominaram o Zen é leve e sem restrições, como nuvens que fazem chover, como a lua num riacho, como uma orquídea num local recôndito, como a primavera nos seres vivos. A sua ação não é autoconsciente, mas as suas respostas têm ordem. É isto que fazem os que dominaram o Zen.

É também necessário voltar à fonte, pôr os pés no reino da paz, mergulhar no reino da pureza e permanecer sozinho, sem companheiros, percorrendo todo o caminho pela estrada para além dos budas. Só então poderás compreender plenamente o centro e os extremos, penetrar o mais alto e o mais baixo, e matar e vivificar livremente, enrolar e desenrolar.

Outono e Primavera

Quando a prática Zen está completamente desenvolvida, não há centro, não há extremos; não há bordas nem cantos. É perfeitamente redonda e sem atrito.

É também necessário estar vazio, aberto e não poluído, assim “a clara lua outonal, fria, cuja luz brilhante lava a noite. Nuvens de brocado florescem graciosamente, a atmosfera transforma-se em primavera.”

A Luz da Mente

Quando o sentido material não te cega, todas as coisas são vistas como luz da mente. Transcendes a cada passo, no caminho do pássaro, sem parar em lado nenhum. Respondest ao mundo com clareza, consciência aberta e sem esforço.

Conhecimento Espontâneo

Todos os reinos dos fenómenos surgem de uma única mente. Quando a única mente está quieta, todas as aparências cessam. Então, qual é o “outro”, qual é o “eu”?

Como, nesse momento, não há aparências diferenciadas, nada é definido, nem um único pensamento é produzido — passas para além de antes do nascimento e depois da morte; a mente torna-se um ponto de luz subtil, redondo e sem fricção, sem localização, sem vestígios. Então a tua mente não pode ser obscurecida.

Este ponto onde não pode haver obscurecimento chama-se conhecimento espontâneo. Este reino de conhecimento espontâneo chama-se a realização original. Nada é obtido do exterior.

Domínio Zen

A ação e o repouso daqueles que dominaram o Zen são como nuvens em fluxo, sem autoconsciência, como a lua cheia refletida em todo o lado. As pessoas que dominaram o Zen não são detidas por nada: embora claramente no meio de todas as coisas, ainda assim estão altamente desapegadas; embora encontrem experiências conforme as circunstâncias, não são manchadas nem confundidas por elas.

Distante do Tumulto

Quando compreendes e chegas ao vazio de todas as coisas, então és independente de todos os estados mentais e transcendes todas as situações. A luz original está em todo o lado, e adaptas-te então ao potencial presente; tudo o que encontras é Zen.

Enquanto subtilmente consciente de todas as circunstâncias, estás vazio e sem postura subjetiva perante elas. Como a brisa nos pinheiros, a lua na água, há uma harmonia clara e leve. Não tens mente de ir e vir, e não permaneces nas aparências.

A essência está em estares interiormente aberto e acolhedor, enquanto exteriormente responsivo sem agitação. Sê como a primavera a fazer florescer as flores, como um espelho a refletir imagens, e emergirás naturalmente distante de todo o tumulto.

Normalidade

O momento em que “vês o sol de dia e a lua de noite”, quando não és enganado, é o comportamento normal de um praticante de Zen, naturalmente sem arestas nem costuras. Se queres alcançar este tipo de normalidade, tens de pôr fim ao subtil martelar e tecer que ocorre na tua mente.

Consciência Iluminada

Budas e mestres Zen não têm realizações diferentes; todos chegam ao ponto da cessação, onde passado, presente e futuro são cortados e todos os impulsos param, onde não há o menor objeto. A consciência iluminada brilha espontaneamente, penetrando subtilmente na fonte original.

Mudar de Pele

A experiência descrita como mudar de pele, transcendendo reflexos da consciência subjetiva, onde nenhuma maquinação mental pode alcançar, não é transmitida por sábios. Só pode ser alcançada interiormente, por profunda experiência de iluminação espontânea. A luz original destrói a escuridão, a verdadeira iluminação espelha o infinito. Todas as avaliações subjetivas do que é ou não é são transcendidas.

Mestre Zen Ying-an

Mente Zen

A mente dos adeptos de Zen é direita como a corda de um arco, como uma longa espada contra o céu, cortando a confusão onde quer que estejam. Riqueza e status mundanos, arrogância e extravagância, desejos mundanos e todos os altos e baixos da vida não os afetam. Fama e lucro, juízos de certo e errado e todos os possíveis estados de ser não os podem aprisionar.

Liberdade

Quando passas, ninguém te pode prender, ninguém te pode chamar de volta.

Destruir o Zen

Algumas pessoas ganham uma percepção e depois ficam presas a ela, de modo que a sua percepção não é livre. Falam de mistério e maravilha, criando atalhos e pensando que estão assim a ajudar os outros. Estão a destruir o Zen.

Há outro tipo de pessoa que cultiva um estado de quietude, de modo que os seus corpos e mentes se sintam um pouco leves e calmos, e depois se sentam fanaticamente no reino onde não há pessoas. Quando veem outros falar de coisas boas, ficam irritados e perturbados, e respondem que, basicamente, não há nada no Zen que valha a pena explicar.

Isto é o que um mestre antigo chamou de doença caracterizada pela falta de clareza em todo o lado, na qual parece haver algo presente. Esta enfermidade

é das mais miseráveis.

Há também aqueles que, ao adotar este ponto de vista, passam a negar tudo — não há budas, não há mestres Zen, não há sábios. Continuam a negar, fazendo o que querem e chamando a isso “Zen sem obstruções”.

Isto é o que outro mestre antigo chamou “Ter uma vasta percepção do vazio e depois tentar negar os efeitos das causas, tornando-se selvagem e sem restrições, trazendo desastre”.

Há ainda um tipo cuja visão é silêncio oblívio, não ouvindo nada. Depois de comerem da comida da comunidade, limitam-se a ficar sentados como mortos, à espera da iluminação.

Pessoas assim são como blocos de barro em cabanas degradadas, nas montanhas profundas e vastas planícies. Podem pensar que são mestres budistas com sabedoria imutável, mas estão apenas a gastar as esmolas dos fiéis.

Os verdadeiros estudantes de Zen nunca recorrem a tais coisas; têm em si uma vida que transcende o “Zen” religioso ou sectário, com percepção independente.

O Primeiro Passo

O início do cultivo de si mesmo está em ti próprio; numa jornada de mil milhas, o primeiro passo é o mais importante. Se conseguires fazer bem ambos, os significados sublimes infinitos de centenas de milhares de ensinamentos serão cumpridos.

A Subtileza do Zen

No Zen, os teus olhos olham para sudeste enquanto a tua atenção está a noroeste. Não pode ser procurado pela ausência de mente, nem compreendido pela atenção plena. Não pode ser alcançado pela fala, nem compreendido pelo silêncio.

Nada a Agarrar

O Zen não tem nada a que se possa agarrar. Quando os que estudam Zen não o veem, é porque se aproximam com demasiada ânsia.

Se queres compreender Zen facilmente, basta não teres mente, onde quer que estejas, vinte e quatro horas por dia, até te fundires espontaneamente com o Caminho.

Quando te fundes com o Caminho, interior, exterior ou intermédio deixam de ser encontráveis — experimentas um vazio imóvel, totalmente independente.

Isto é o que um antigo digno chamou “A mente não tocar nas coisas, os passos não se colocarem em lado nenhum.”

Zen Original

No início, o Zen era dominado e sustentado por pessoas excepcionais, porque pessoas pouco perspicazes e impulsivas não conseguem trabalhá-lo ou mantê-

lo. Todos os adeptos originais eram únicos na sua fala e ação, nunca dispostos a cair na estagnação, como se houvesse uma forma final de Zen.

Compreensão Zen

Antes de mais, não estabeleças uma compreensão prévia do Zen, mas também não racionalizes o Zen como “não compreender”.

É como aprender tiro ao arco: eventualmente chegas a um ponto em que as ideias cessam e os sentimentos são esquecidos, e então acertas subitamente no alvo.

Deves também saber que há, além disso, uma subtileza em atravessar o alvo, que é atingida espontaneamente.

Prática Zen

O Zen não pode ser alcançado por palestras, discussões e debates. Só aqueles com grande capacidade de percepção o podem compreender claramente.

Por isso os antigos adeptos não desperdiçavam um momento. Mesmo quando não procuravam mestres para verificar verdades específicas, estavam envolvidos na prática real de Zen, alcançando assim serenidade madura de forma natural. Não se deixavam envolver nas ilusões do mundo.

Se conseguires fazer isto, a certo ponto virarás subitamente a luz da tua mente para dentro e verás através das ilusões até ao verdadeiro eu. Então compreenderás de onde vem tudo — paixões e ilusões mundanas, o mundo material, forma e vazio, luz e escuridão, princípio e essência, mistério e maravilha.

Quando compreendes isto claramente, então já não ficas enjaulado ou preso por nada, seja mundano ou transcendente.

Zen Falso, Zen Verdadeiro

Há dois tipos de estudantes de Zen que não largam. Um consiste naqueles que não encontraram verdadeiros mestres no início da sua busca, mergulharam no fogo de falsos mestres e, envenenados pelo seu veneno, pensam que o seu estudo Zen está concluído.

Outro consiste naqueles que se juntam a grupos Zen e se autodenominam estudantes de Zen mas, na realidade, carecem da base correta. Limitam-se a apropriar-se do que ouvem, ansiosos por serem reconhecidos por isso, tentando provar-se a si mesmos, dizendo apenas que o Zen é isto.

Estes dois tipos de pessoas estão gravemente doentes, a menos que um dia reconheçam o erro e o larguem.

Mas afinal, o que é que as pessoas nestas condições devem largar? Basta largar o fardo de “outros” e “eu”, de ideias de ganho e perda, certo e errado, Buda e Budismo, mistério e maravilha.

Assim que largares desta forma, sentes corpo e mente leves e soltos, completamente puros por dentro e por fora. Então o teu coração está sempre

claro. Num relâmpago fresco de percepção, libertas-te.
Agora estás pronto para o refinamento. Se te limitares a manter a percepção que alcançaste e a considerares última, ainda estás agarrado a algo. As pessoas Zen livres da convenção são muito diferentes disto.

Calafrios e Febre

Se pessoas maduras querem cortar a estrada do nascimento e da morte, devem abandonar o que têm estimado, para que os seus sentidos se tornem limpos e despidos. Um dia ganharão percepção, e a estrada do nascimento e da morte certamente terminará.

Se não praticas isto na realidade, mas desejas muito conhecimento intelectual, pensando que isto é a maravilha da autorrealização, os teus calafrios e febre serão aumentados pelo vento do conhecimento intelectual; o teu nariz estará sempre entupido e a tua cabeça sempre enevoada.

Zen da Lâmpada Solitária

Se as pessoas querem aprender Zen, que aprendam o Zen de uma lâmpada solitária a brilhar numa ala de morte.

Não estabeleças qualquer limite, com a ideia de que queres realizar Zen com certeza até tal ou tal momento.

Zen de Imitação

Há pessoas que erram porque não compreendem a metodologia Zen. Algumas pensam que fazer “muro” é grandioso, outras que o silêncio absoluto é a regra suprema, outras que a atividade literária é versatilidade.

Vida Zen

A vida Zen é um atalho dos mais diretos, não exigindo o menor esforço para alcançar a iluminação e dominar o Zen onde quer que estejas.

Mas como os que procuram Zen o fazem com demasiada ânsia, pensam que deve haver um princípio especial, e tentam descrevê-lo mentalmente, de forma subjetiva.

Assim, são arrastados pelas maquinações da consciência emotiva e intelectual para algo que é criado e perecerá.

Apegam-se a esta lei, regra, princípio ou modo de vida criado e perecível, como se fosse algo último. Este é um erro grave.

É por isso que se diz: “Não fales da realidade última com a mente fixada no que é criado e destrutível.”

Zen Personalista

Muitos praticantes de Zen agarram-se a visões personalistas como realidades últimas ou verdades finais, e não acreditam que possa haver algo melhor.

Assim que são colocados à prova num teste Zen real, perdem-se.

Isto acontece quando, no fim, nunca chegam a encontrar um verdadeiro mestre Zen, e por isso a sua realização é tosca. Sentam-se num ninho de “ganhar ou

perder”, temendo ser perturbados por alguém, com medo de perder o Zen. Alguns zenistas dizem que os seus pontos de vista estão todos correctos, e quando mestres experientes lhes dizem que não é assim, respondem que isso é apenas uma manobra deliberada para os enganar e manipular. Esses zenistas paranoicos param quando apenas conseguiram manter-se imóveis. Esta é uma doença fatal, que é incurável pela sua própria natureza. Por isso, tudo o que os buscadores do Zen podem fazer é ter cuidado para a evitar.

O Zen da Essência

Quando a essência de ver está em todo o lado, também o está a essência de ouvir. Quando penetras claramente nas dez direcções, não há interior nem exterior. É por isso que se diz: “Sem esforço em todas as circunstâncias, sempre verdadeiro na acção e na quietude.”

Uma acção assim é a função da sabedoria real e completa.

Grandeza

Os antigos mestres Zen não tinham um único pensamento de tentar tornar-se grandes homens. Só assim é que alcançaram o domínio sobre a vida e a morte e, depois disso, a grandeza veio por si só.

Se tiveres um único pensamento de ânsia em alcançar o domínio Zen, isso consome o teu potencial, impedindo-te de crescer mais.

À procura de aprovação

Hoje em dia, quando zenistas encontram mestres respeitados, não perguntam o que devem fazer — apenas querem que lhes digam que têm alguma visão. Delicia-os ouvir-se reconhecidos, sem se aperceberem de que, ao ceder a esse deleite, estão a procurar sarilhos.

Prática Zen antiga

Os mestres clássicos do Zen eram pessoas que, acima de tudo, tinham deixado ir.

Assim que apareciam, viravam o céu de pernas para o ar e embrulhavam a terra.

Como é que eram assim?

Simplesmente porque o seu pensamento final era correcto e não podiam ser apanhados por falsos mestres, charlatães ou ilusionistas, de modo que as suas mentalidades estavam para além do facciosismo e transcendiam parâmetros convencionais.

Não se associavam com pessoas ao acaso, e não se prendiam com nada efémero.

Mantinhm apenas a vida e a morte no topo das suas mentes e, no entanto, ao fazê-lo, não supunham que houvesse algo que morre ou não morre.

Era assim que os antigos trabalhavam. Nisto, é essencial penetrar claramente

e levar à plena aplicação.

Depois disso, pode-se submeter-se a um tratamento Zen radical, para que não se fique perdido no meio de mudanças e desenvolvimentos complexos.

É desnecessário dizer que, quando ainda se está num estado em que a mente está “meio escura e meio clara, meio límpida e meio chuvosa”, não se pode “andar sozinho na vastidão” mesmo que se queira.

Zen graduado

“A iluminação está para além das palavras, e ninguém jamais a alcançou.”

Um mestre Zen clássico disse: “O Zen não tem ditos, nada para dar às pessoas.”

Outro mestre clássico disse: “Não gosto de ouvir a palavra ‘Buda’.”

Vê como espalhavam areia e atiravam pedras desta forma. Isto já pode cegar as pessoas. Se ainda procuras um caminho vivo num cajado ou buscas uma expressão representativa num grito, isto não é diferente de apanhar um rato e procurar presas de elefante na sua boca.

É por isso que os mestres Zen clássicos preservavam um certo estado, no qual não se desperdiça absolutamente nenhum tempo, vinte e quatro horas por dia. Este estado deve ser mantido até chegares ao ponto em que não haja onde agarrar e onde ancorar.

Então, debes largar e tornar-te vazio e quieto, claro e calmo, até ao ponto em que antigas interpretações intelectuais, racionalizações, falsas compreensões e perceções erróneas não possam entrar na tua mente nem agir sobre ela de forma alguma.

Este é o atalho essencial para o Caminho. Faz isto e, um dia, compreenderás claramente o que se passa onde estás.

Vontade fortalecida

De um modo geral, o Zen requer uma vontade decisiva e poderosa, porque vais estar a limpar os teus seis sentidos o tempo todo, de modo que, mesmo que estejas no meio de todas as tensões e prazeres do mundo, é como estar num reino puro, não artificial, de grande libertação.

Profundamente estável e calmo, como uma montanha gigantesca, não podes ser perturbado por desejos ou condições externas, não podes ser travado por interferências e dificuldades.

Este é um atalho para o Caminho por meio de trabalho fortalecido.

A mente subtil do Zen

Se queres ver a mente subtil do Zen, isso é muito fácil. Basta recuar e agarrá-la com intensa força durante todas as tuas atividades, seja o que for que estejas a fazer, mesmo enquanto comes, bebes e conversas, mesmo enquanto enfrentas o stress de tratar do mundo.

O Caminho Vivo

Todas as pessoas têm o seu próprio caminho vivo para o céu. Até o percorrerem, são como bêbados que não sabem distinguir para onde vão. Quando, então, põem o pé nesse caminho e perdem a confusão, cabe-lhes a eles decidir por onde seguir — já não estão sujeitos às direções arbitrárias de outros.

Totalmente vivo

Quando estás totalmente vivo e não podes ser preso ou enjaulado, só então tens alguma independência. Então, podes estar no mundo comum todo o dia sem que isso te afete.

Zen ilusório

Muitas pessoas estudam Zen, mas encontram mestres Zen sem clara percepção da verdade. Fazem explicações arbitrárias e tomam as suas interpretações subjetivas dos ditos Zen como verdades finais. O seu objetivo é serem reconhecidas como compreendendo o Zen. Esta é uma doença gravíssima.

Disfunções do Zen

Quando as pessoas estudam Zen diligentemente mas não alcançam a iluminação, o problema pode residir em vários pontos.
Pode ser por se prenderem demasiado aos ditos Zen.
Pode ser por ficarem imóveis num reino de maravilha suprema.
Pode ser pelo vazio informe.
Pode ser por manterem o Zen ou o Budismo constantemente na mente.
Pode ser por tentarem rejeitar a ilusão em prol da iluminação.
Pode ser por não terem encontrado um verdadeiro mestre iluminado desde o início, tendo assim sido arrastadas para um ninho de complicações.
Estes problemas não são vividos apenas por principiantes. Mesmo mestres Zen antigos que tinham compreendido plenamente a mente básica e visto a sua natureza fundamental realizaram o estado original mas ainda assim não compreenderam toda a verdade.

O atalho Zen

O atalho do Zen é deixar o presente e experienciar diretamente o estado anterior ao nascimento, antes da divisão da totalidade.
Quando realizas isto, és como um dragão na água, como um tigre nas montanhas. Estás muito claro e calmo em todo o lado, livre para animar ou matar em qualquer lugar, capaz espontaneamente de “levantar o vento e agitar as ervas” em qualquer lugar. Não te agarras a qualquer atividade, não te sentas inativo.
Isto é como cortar uma meada de fio ou tingi-la — quando uma é cortada todas são cortadas, quando uma é tingida todas são tingidas. De cima a baixo, tudo é uma enorme porta de libertação. Agora, as verdades budistas e as coisas do

mundo tornaram-se uma só — onde há algo externo que possa constituir um impedimento?

O Sutra da Luz Infinita

O Sutra da Luz Infinita diz: “Rios, lagos, aves, árvores e florestas invocam todos Buda, Verdade e Comunhão.”

Num momento de consciência sem discriminação, surge a grande sabedoria. Isto é como deitar água no oceano, como trabalhar um fole ao vento.

Além disso, como discriminas? ‘Buda’ é um nome temporário para aquilo que não pode ser visto quando olhas, que não pode ser ouvido quando escutas, cujo local de origem e desaparecimento não pode ser encontrado quando procuras.

Cobre forma e som, permeia o céu e a terra, penetra acima e abaixo. Não há segunda visão, nem segunda pessoa, nem segundo pensamento. Está em todo o lado, em tudo, não é algo externo.

É por isso que a única fonte de toda a consciência é chamada ‘Buda’.

Não muda quando o corpo se deteriora, está sempre presente. Mas ainda assim não podes usar aquilo que está sempre presente. Porquê? Porque, como diz o provérbio, “Embora o pó de ouro seja precioso, quando entra nos olhos obstrui a visão.” Embora a natureza búdica seja maravilhosa, se te fixares nela, torna-se uma doença.

Um antigo mestre Zen disse: “Não é mente, não é Buda, não é coisa — o que é então?” Isto diz tudo. Trouxe-nos a espada de diamante que corta todas as obsessões.

Outro mestre clássico disse: “O mais leve pensamento enredador pode causar ações infernais; um lampejo de sentimento pode prender-te indefinidamente. Basta acabar com os sentimentos comuns, e não há percepção especial dos sábios a procurar — a percepção dos sábios surge onde os sentimentos comuns acabam.”

Quebrar hábitos

Para aprender a ser Buda, primeiro deves romper as sementes do hábito com grande determinação, e depois estar consciente de causa e efeito para que temas fazer o mal. Transcende todos os objetos mentais, pára toda a ruminação. Não deixes que bons ou maus pensamentos entrem no teu pensar, esquece tanto o Budismo como as coisas do mundo. Larga corpo e mente, como largar de um penhasco. Sê como o espaço, não produzindo pensamentos subjetivos de vida e morte, nem quaisquer sinais de discriminação. Se tiveres quaisquer pontos de vista, corta-os imediatamente e não os deixes continuar.

A meditação suprema

Se não escutares verdadeiramente, chamarás jarro ao sino, e inevitavelmente acabarás por acrescentar erro a erro, falando sobre “Buda”, “mestres Zen”,

“mente” e “essência”. Como é que isto é diferente de abrir uma ferida na carne saudável?

Os verdadeiros zenistas fixam um único olho no estado antes de o embrião se formar, antes de quaisquer sinais se tornarem distintos. Isto abre e clarifica a mente, de modo que ela penetra todo o universo. Então, não são diferentes do Buda nem do fundador do Zen.

Isto chama-se a meditação suprema, a jóia que reflete todas as cores, o tesouro inesgotável, a porta para os poderes espirituais, a espada de diamante, o leão agachado, a chama — há vários nomes para isto.

Agora, não há nada no universo, nada mundano ou transcendente, que possa ser um objeto, um oposto, uma barreira ou um obstáculo para ti.

Experientes e realidade

As montanhas, rios, terra, ervas, árvores e florestas emanam sempre uma luz subtil e preciosa, dia e noite, emanando sempre um som subtil e precioso, demonstrando e expondo a todas as pessoas a verdade suprema insuperável. É precisamente porque a perdes exatamente onde estás, ou a evitas mesmo quando a enfrentas, que és incapaz de a alcançar e de a usar de facto. Foi por isso que o Budismo surgiu, com os seus muitos expedientes e explicações engenhosas, com ensinamentos temporários e verdadeiros, imediatos e graduais, parciais e completos. Tudo isto são apenas meios para fazer com que as crianças deixem de choramingar.

Os que meditam na quietude silenciosa consideram a quietude silenciosa como definitiva, mas não é algo que se deva finalizar na quietude. Os que afirmam ter domínio no meio da agitação ficam satisfeitos com a agitação, mas não é algo com que se deva ficar satisfeito no meio da agitação. Os que aprendem a partir das escrituras consideram as escrituras como base, mas não é aprendido a partir das escrituras. Os que trabalham com mestres e colegas consideram isto uma fonte profunda, mas não é a partir do trabalho com mestres e colegas que se alcança.

É um ser sem forma, indestrutível, que sempre foi como um peixe escondido numa nascente, que ergue ondas e dança por si mesmo. Quando o procuras a oriente, vai para ocidente; quando o procuras a sul, vai para norte. Pode dar nomes a todos, mas ninguém lhe pode dar um nome. Em todos os lugares e em todos os tempos é o mestre das miríades de formas, o mestre das miríades de fenómenos.

Distorção pelos mestres

A “única estrada para além” é vasta como o espaço cósmico multiplicado por dez; não pode ser procurada com a mente, nem alcançada pela ausência de mente. Não pode ser atingida por palavras, nem compreendida pelo silêncio. O ponto essencial é que o indivíduo seja firme na fé e veja diretamente o estado

anterior à formação do embrião, antes de quaisquer sinais se tornarem distintos.

Ao atravessar as alturas e as profundidades, escapando a todas as armadilhas, percorrendo todo o tempo, totalmente sem apego nem repulsa, livre de todas as formas, quando alcanças grande independência tens alguma medida de harmonia com a única estrada para além.

Se te apoiares nas diferenças entre mestres e vires as diferenças entre pessoas, és enganado por mestres cegos que tornam reais o Buda, o Dharma, o Zen, o Tao, os mistérios, as maravilhas, as funções e os estados. De uma forma ou de outra, isto cola-te a língua, prega-te os olhos e aperta-te o coração.

Como o óleo que penetra na farinha, isto torna-se profundamente entranhado, até que acabas por te tornar num espírito ou fantasma, emitindo inúmeras “luzes” e manifestando inúmeros “poderes psíquicos”, pensando que és incomparável no mundo inteiro. É isto que se quer dizer com o provérbio: “A nossa percepção é originalmente correta, mas é distorcida pelos mestres.”

Libertação

Esta inconcebível porta de grande libertação está em todos. Nunca foi bloqueada, nunca foi defeituosa. Budas e mestres Zen apareceram no mundo e providenciaram métodos expedientes, com muitos dispositivos diferentes, usando remédios ilusórios para curar doenças ilusórias, apenas porque as tuas faculdades são desiguais, o teu conhecimento é pouco claro, não transcendes o que vês e ouves tal como o vês e ouves, e és arrastado sem cessar num oceano de sofrimento por aflições decorrentes da ignorância, por pontos de vista emocionais e conceções habituais de outros e de ti mesmo, do certo e do errado.

Os vários ensinamentos e técnicas de budas e mestres Zen existem apenas para que recues individualmente para dentro de ti, compreendas a tua mente original e vejas a tua natureza original, para que alcances um estado de grande descanso, paz e felicidade.

Maus hábitos

Na raiz e caule da tua própria psique há uma acumulação de maus hábitos. Se não fores capaz de os ver claramente e agir independentemente deles, inevitavelmente ficarás atolado pelo caminho.

Zen espontâneo

No Budismo não há lugar para aplicar esforço. Tudo nele é normal — vestes-te para te manteres quente e comes para saciar a fome — e nada mais. Se

conscientemente tentares pensar sobre isso, não é o que pensas. Se conscientemente tentares organizá-lo, não é o que organizas.

Expedientes

Os ensinamentos budistas são prescrições dadas de acordo com doenças específicas, para limpar as raízes dos teus hábitos compulsivos e eliminar os teus pontos de vista emocionais, apenas para que possas estar livre e limpo, nu e puro, sem problemas.

Não há doutrina real alguma para mastigares ou sobre a qual te sentares. Se não acreditares em ti mesmo, pegas na bagagem e vais pelas casas dos outros à procura de Zen, de Tao, de mistérios, de maravilhas, de budas, de mestres Zen, de professores.

Pensas que isto é procurar o supremo, e fazes disso a tua religião, mas isto é como correr cegamente para oriente para obter algo que está a ocidente.

Quanto mais corres, mais longe ficas, e quanto mais te apressas mais tarde chegas. Apenas te cansas — de que serve isso no fim?

Mente Zen

A mente das pessoas do Caminho é reta como a corda de um arco.

Simplesmente porque não estão carregadas com ideias de outros e de si mesmas, de certo e errado, de sagrado e profano, de melhor e pior, nem por engano, falsidade, lisonja ou astúcia, acedem espontaneamente à substância da mente que não se fixa em nada.

Fundamentalmente, isto não é outro, não é o próprio, não é vulgar, não é sagrado, não é mente, não é Buda, não é coisa, não é Zen, não é Tao, não é mistério, não é maravilha.

É apenas por um momento de subjetividade na discriminação, no agarrar e rejeitar, que de repente tantos cornos crescem na tua cabeça e és virado continuamente por esses miríades de objetos, incapaz de ser livre e independente.

Pós-escrito do tradutor

Reflexões sobre a ciência da liberdade

Alguém perguntou a um dos primeiros mestres Zen que lhe ensinasse um caminho para a libertação.

O mestre Zen disse: “Quem te prende?”

O buscador de liberdade respondeu: “Ninguém me prende.”

O mestre Zen disse: “Então, porque procuras libertação?”

A libertação da mente humana dos efeitos inibidores do mesmerismo pelas suas próprias criações é a essência do Zen. Esta libertação vê-se, por um lado, como libertar a mente de limitações incômodas e desnecessárias e, por outro, como libertar o “grande potencial e grande função” adormecidos no domínio

desconhecido da ação consciente para além dessas limitações. Os primeiros mestres Zen reviveram o ensinamento de Buda de que a libertação é o critério essencial da autenticidade espiritual, não a tradição nem a convenção. Nos tempos modernos, tornou-se habitual pensar na escravidão sobretudo em termos sociais, políticos ou económicos. Formas emocionais, intelectuais e mais subtis de escravidão são normalmente associadas a efeitos secundários de formas mais óbvias de opressão, como as visíveis em termos materiais ou institucionais. A escravidão é muitas vezes vista sobretudo como algo imposto de fora, enquanto as suas manifestações internas são consideradas reações ou adaptações à condição externa.

O pensamento budista, pelo contrário, vê a mente como a fonte última da escravidão, quer seja imposta por outros, quer seja autoimposta. Se isto for verdade, explica porque é que movimentos de libertação social e de reforma que atuam sobre os sintomas da escravidão e da injustiça, sem abordar eficazmente a sua origem, nunca são totalmente efetivos. A história conta-nos sobre libertadores políticos que se tornaram opressores; sobre organizações criadas para proteger direitos que se tornaram usurpadoras de direitos; sobre instituições estabelecidas para libertar as pessoas da ignorância que se tornaram pouco mais do que instrumentos para aprisionar mentes dentro dos limites da opinião recebida.

Segundo o ensinamento Zen, a própria busca da liberdade tem o poder de prender, quer se expresse em termos psicológicos, políticos ou religiosos. O Budismo insiste que a liberdade real é possível, mesmo que o seu preço inclua os próprios mitos e ilusões que possam ter inspirado essa aspiração. Tal como a mente é considerada pelos budistas a fonte da escravidão, também é considerada a fonte da iluminação. Os budistas acreditam que capacidades inimagináveis de realização estão escondidas na mente, ocultas pelas preocupações e aflições do dia-a-dia.

Quem nos prende? O Budismo diz que nos prendemos a nós próprios na teia das nossas ideias, palavras e atos, individuais e coletivos. Isto é considerado verdadeiro para tudo, desde as neuroses pessoais até às opressões em larga escala, desde o sofrimento auto-infligido até ao sofrimento imposto aos vizinhos. Além disso, observa-se que estas ideias, palavras e atos emergem de atitudes subtis ou posturas mentais que, inconscientemente, lhes dão poder e sustentam a sua continuidade.

Como estas posturas raramente são sujeitas a exame crítico consciente, protegidas que estão pela sua própria subjetividade, o início da escravidão, a partir do desenvolvimento das inclinações características que essas atitudes interiores fomentam e do reforço que atraem, é, em terminologia Zen, chamado “atar-se a si mesmo sem corda”.

Do ponto de vista Zen, o problema subjacente às diversas manifestações de escravidão é uma confusão fundamental. Em termos clássicos Zen, isto é expresso como confundir o servo com o mestre, ou tomar um hóspede por anfitrião. Mesmo formas óbvias de escravidão, como a política e económica, começam e desenvolvem ciclos repetitivos a partir da dominação das mentes por ideias, palavras e atos. O pensamento budista reconhece a suscetibilidade da mente à sugestão e ao condicionamento, daí o provérbio: “Sê mestre da mente em vez de ser dominado pela mente.”

Embora se entenda que nada se pode dizer sobre uma objetividade absoluta totalmente para além da mente que a supõe, o Budismo procura a maior objetividade possível na compreensão da humanidade, livre dos preconceitos que prejudicam as relações humanas e impedem a humanidade de se ver como realmente é. Para isso, o Budismo examina a relação entre subjetividade e objetividade de todos os ângulos possíveis, para chegar aos limites do que pode ser conhecido sobre o que é real e verdadeiro.

Até que se alcance o ponto em que esta discernimento crítico possa ser feito, a libertação Zen não é realmente possível. As pessoas podem sentir-se libertas quando tudo o que tiveram foi uma mudança de preocupação. Podem sentir-se justificadas quando apenas estão convencidas de que têm razão, e esses sentimentos podem ser tudo o que realmente querem. Ou podem sentir-se aliviadas por terem coisas para fazer, pensar e falar, sem que isso as satisfaça ou nutra interiormente; podem estar, em termos Zen, cheias mas não realizadas. Podem sentir-se impelidas pela consciência a agir de formas que não alcançam o que imaginam, porque não conseguem dominar a vontade e o conhecimento de que os seus impulsos são ecos. Todos os problemas de inautenticidade psicológica e espiritual são colocados sob o escrutínio rigoroso do olhar Zen. O Zen procura a realidade da liberdade, não a imagem da liberdade.

Uma observação antiga do Zen é que tudo o que estimula ou motiva as pessoas, seja em termos económicos, políticos, sociais, psicológicos ou religiosos, pode, na verdade, estar a impedi-las de satisfazer as próprias necessidades e desejos que as estimulam e motivam. Em termos Zen, isto não significa que o objeto em si impeça alguém, mas que a conceção individual desse objeto e a atitude em relação a ele são insatisfatórias.

Aqui está o cerne da abordagem Zen à libertação. As algemas da pobreza e da opressão são visíveis ao olho comum, e não é difícil encontrar consenso e simpatia pelos que assim sofrem. Muitas vezes, no entanto, as pessoas — e os povos — estão acorrentados por algemas que, na verdade, prezam. Como disse um mestre Zen, é difícil para as pessoas verem algo de errado naquilo de

que gostam, ou verem algo de bom naquilo de que não gostam. Outro mestre Zen observou que a familiaridade é, por si só, uma qualidade que as pessoas tendem geralmente a apreciar. Isto significa que predileções e hábitos com que as pessoas se sentem confortáveis num dado momento podem servi-las de conforto, mas na verdade podem estar a impedi-las de uma maior capacidade de progresso e realização.

Tal como o Taoismo, o seu antigo predecessor, o Zen observou há muito que uma das predileções contrárias ao verdadeiro progresso no desenvolvimento social e individual é o desejo de resultados rápidos e visíveis. Incontáveis estudos mostraram que os resultados da pressa nos assuntos sociais e políticos são semelhantes aos resultados da pressa em estudos psicológicos — depressão, ressentimento, arrependimento e saudade, que acabam por consumir quaisquer ganhos temporários que possam ter sido feitos. O que resta, no fim deste processo, depois de esgotadas as emoções, é uma coleção de racionalizações, tão ineficazes por si mesmas quanto as emoções isoladas.

Pergunta-se por vezes, por exemplo, porque é que a fome e a opressão massivas continuam a existir apesar das grandes quantidades de riqueza excedente e de sistemas elaborados de lei e governo. Ao procurar uma resposta para este enigma, um pensador político pode focar-se sobretudo no jogo de interesses materiais conflitantes e na influência de intrusos. Um cientista social pode apresentar teorias que recorrem a peculiaridades de cultura e de história para explicar a persistência de padrões sociais involutivos. Um observador Zen, no entanto, terá de considerar todo o conjunto de condições de forma imparcial, sem isolar qualquer elemento por associações emocionais.

Para compreender com verdade o que é realmente possível numa dada situação, o aspirante à iluminação pode ter de se afastar dos ideais incutidos e sacrificar a compaixão sentimental. Esta é parte da “grande morte” que os praticantes de Zen procuram, a fim de clarificar as suas mentes e ver o que têm diante de si de forma impessoal e imparcial, para que possam recomeçar a vida sem o peso das ilusões passadas.

Uma das ilusões mais atraentes dos tempos modernos tem sido o mito popular de que a liberdade pode ser obtida e salvaguardada simplesmente através de sistemas de organização e governo adequadamente concebidos. Embora um sistema possa revelar-se mais eficaz do que outro em determinadas condições, a verdade é que as pessoas continuam a criar e a operar os sistemas, tornando o desenvolvimento humano individual crítico para qualquer processo de melhoria social. Isto é dado como adquirido no pensamento político budista.

A ênfase no Budismo sobre a libertação individual, mesmo nas escolas cujo objetivo expresso é a libertação coletiva, deu origem ao equívoco de que se trata de uma religião socialmente passiva, até escapista.

Embora o passivismo e o escapismo sejam corrupções bem documentadas de certas práticas, essas atitudes estão muito longe do espírito do Budismo. Dá-se importância ao bem comum mesmo nas escolas que se concentram principalmente na libertação individual; a libertação dos indivíduos é vista como parte integrante do bem-estar da sociedade, reduzindo as fontes de conflito e permitindo que as pessoas trabalhem para o benefício dos outros, livres de ambição pessoal.

Segundo o ensinamento budista, mesmo um simples ato de generosidade não é realmente genuíno enquanto estiver manchado por sentimentos pessoais, mesmo o desejo de dar ou a satisfação de ter dado. Isto não significa que os budistas suspendam a ação social até atingirem a objetividade suprema, mas sim que não usam a ação social para apaziguar os seus próprios sentimentos humanos pessoais. Antes pelo contrário, os budistas usam a ação como meio de conhecimento, e usam o conhecimento para guiar a ação. Segundo *O Livro dos Dez Estádios*, na *Escritura do Ornamento Floral*, um dos textos fundamentais do budismo universalista, quando os praticantes chegam à fase em que estão a aperfeiçoar a meditação, “praticam tudo o que no mundo possa beneficiar os seres sencientes”.

Entre as atividades mencionadas na escritura contam-se a escrita, o ensino, a matemática, a ciência natural, a medicina, as artes performativas, a engenharia, a horticultura e a psicologia.

A história mostra vestígios da atividade budista numa grande variedade de operações culturais, sociais, económicas e políticas na Ásia. As contribuições budistas para as belas-artes e artes aplicadas, literatura, filosofia, medicina e educação são relativamente bem conhecidas. Os budistas também desempenharam um papel importante na recuperação e conservação de terras, águas e recursos humanos, bem como no desenvolvimento da banca, comércio, ofícios, hotelaria, comunicações, impressão e edição.

Participaram no governo a todos os níveis, particularmente na administração local, mas também intervieram de fora, por vezes organizando anistias em massa para prisioneiros políticos e até liderando levantes armados contra regimes opressivos. O Budismo também estabeleceu um meio socialmente aceite para que as mulheres pudessem exercer o direito ao divórcio, bem como as primeiras instalações públicas para órfãos nas sociedades clánicas da antiga Ásia.

As atividades sociais dos budistas do passado nem sempre são notadas por observadores ocidentais, que esperam que tais atividades sejam invariavelmente acompanhadas por grande publicidade, assim como pela constituição de institutos e organizações oficiais ou semi-oficiais para desempenhar essas funções. O Budismo, no seu sentido mais puro, baseia-se na fluidez dos acontecimentos, e os seus programas são locais e específicos, mesmo que se baseiem em princípios universais ou numa compreensão superior da humanidade. O Zen Budismo é particularmente contundente nos seus avisos contra tentar institucionalizar o “bom” ou o “santo” devido aos apegos sentimentais que se constroem à volta dessas ideias e à hipocrisia que se alimenta desses apegos.

O Budismo confronta o indivíduo e a sociedade como um todo com os problemas do eu e da mente, e não permite o escapismo — seja ele pelo niilismo e quietismo, seja pela imersão em movimentos que fornecem às pessoas ideias, atividades e interesses pré-fabricados nos quais o devoto pode “esquecer-se de si próprio”. A literatura budista contém muitos avisos sobre as ilusões sedutoras apresentadas por estas tentativas de evitar as questões do eu, da mente e da verdadeira realidade. No entanto, são precisamente estas formas de escapismo que, pela sua natureza ostensiva, são muitas vezes confundidas com expressões legítimas do Budismo e não reconhecidas como desvios.

O primeiro passo da abordagem budista à libertação é determinar a fonte da escravidão. Segundo um provérbio Zen, “A resposta está na pergunta”, e a arte de questionar de forma útil é uma chave para o Zen. O provérbio também diz, no entanto, “A pergunta está na resposta”, no sentido de que não basta conhecer a resposta, é essencial pôr a resposta em prática na vida; assim, a pergunta torna-se em como aplicar a resposta às situações vivas.

A declaração inicial do *Dhammapada*, talvez o mais antigo registo escrito do ensinamento de Buda, fornece uma apresentação clássica do problema da escravidão, na qual a resposta e a pergunta claramente contêm uma à outra: “Tudo é baseado na mente, é conduzido pela mente, é moldado pela mente. Se falares e agires com uma mente poluída, o sofrimento seguirá atrás de ti, tal como as rodas de uma carroça seguem as pegadas do boi. Tudo é baseado na mente, é conduzido pela mente, é moldado pela mente. Se falares e agires com uma mente pura, a felicidade seguirá atrás de ti, tal como a sombra se cola a uma forma.”

Seguindo este tema básico, a *Escritura do Ornamento Floral*, o mais abrangente dos textos budistas, diz: “A mente é como um artista, capaz de pintar os mundos.” Contrastando as possibilidades dos mundos moldados mentalmente, a escritura também diz: “Algumas terras não têm luz; são

escuras e cheias de medo, com dores como as feridas de armas. Aqueles que as veem sofrem sozinhos... Alguns mundos são aterradores, com grandes uivos de dor, vozes muito amargas e ásperas, assustando todos os que as ouvem... Em algumas terras ouvem-se sempre sons celestiais de vários deuses, sons puros de reinos celestiais, ou as vozes dos líderes dos mundos.” Numa análise mais detalhada da raiz da involução, o *Livro dos Dez Estádios da Escritura do Ornamento Floral* diz:

“Por cair continuamente em visões errôneas, por ter a mente envolta na escuridão da ignorância, por se encher de orgulho, por causa das concepções, por fixações mentais de desejos presas na rede do anseio, por esperanças perseguidas por ações no emaranhado do engano e da falsidade, por atos ligados à inveja e ao ciúme que produzem estados mundanos, por acumulação de ações repletas de paixão, ódio e loucura, pelas chamas da mente presas à ilusão, por sementes na mente, intelecto e consciência ligadas aos fluxos do desejo, da existência e da ignorância — por tudo isto as pessoas ignorantes produzem rebentos de vida subsequente no mundo.”

Ao longo dos séculos, o Zen desenvolveu uma ciência da liberdade, lidando tanto com as bases psicológicas subtis mas reconhecíveis, como com as grosseiras mas ignoráveis, da limitação e do crescimento. Esta ciência não foi uma criação nova das escolas Zen, pois o Zen herdou amálgamas riquíssimas de desenvolvimentos indianos, centro-asiáticos e do sudeste asiático na busca da liberdade mental. No entanto, segundo as condições, a ciência da libertação permaneceu sempre mais ou menos esotérica, por três razões principais: primeiro, porque é pela sua própria natureza difícil de compreender para a mente condicionada; segundo, por causa da possibilidade de uso indevido; e terceiro, porque foi inevitavelmente percebida como uma ameaça por pessoas com interesses proprietários na ideologia e no costume, que naturalmente tinham grande influência na sociedade.

De acordo com a tradição, gerações de primeiros mestres Zen reexaminaram os princípios e práticas desta ciência e codificaram-na num imenso corpo de anedotas, aforismos e poesia, tudo concebido para proteger a ciência e reproduzir o seu efeito desejado: a liberdade mental. Na realidade, há algo de Zen em todas as escolas de Budismo, e há algo de todas as escolas de Budismo no Zen; apesar das vastas diferenças teóricas e metodológicas, onde o objetivo de liberdade é realizado não pode haver diferença na essência. A base da linguagem simbólica Zen da mente foi construída nos três ou quatro primeiros séculos do início do Zen na China. Durante esse tempo, muitos dos ensinamentos e abordagens fundamentais do Zen foram reunidos em grupos de histórias sobre os primeiros mestres. Há, por exemplo, a figura do insondável Baozhi, um mestre mendicante de meditação de feitos extraordinários, que ensinava principalmente por atos simbólicos e declarações

lacônicas, o que o levava ora a ser preso por “perturbar as massas” com os seus poderes miraculosos, ora a ser convidado à corte para iluminar o imperador. É um dos primeiros adeptos a deixar escritos valorizados nas tradições Zen.

Depois há a história de Fu Shanhui, um pequeno agricultor e homem de família que, à força do seu próprio estudo e esforço, atingiu uma consciência superior e se tornou um filantropo, professor e ativista social de renome. É conhecido por ter convertido muitos dos seus familiares e pessoas da sua localidade, e por atos extraordinários de caridade. Chegou mesmo a tentar obter uma audiência com o imperador para lhe oferecer conselhos sobre como melhorar as péssimas condições da época, mas devido ao seu baixo estatuto social não conseguiu fazer progressos até que Baozhi, que conhecia a iluminação de Shanhui, interveio na corte.

Ambos, Baozhi e Fu Shanhui, figuram proeminentemente na tradição Zen; nenhum deles pertencia a qualquer escola perceptível, mas ambos representam protótipos de liberdade e independência. Até as diferenças radicais entre eles são típicas do Zen, pois, como diz o provérbio: “Se todas as ondas do rio Zen fossem iguais, inúmeros homens comuns ficariam atolados.”

Diz-se que tanto Baozhi como Fu Shanhui conheceram Bodhidharma, geralmente considerado o fundador do Zen e uma das figuras mais importantes da tradição Zen.

Bodhidharma é representado como um príncipe indiano (tal como o próprio Buda) que abandonou uma vida de luxo para procurar uma realidade mais permanente. Segundo a lenda, o seu mestre era o principal mestre budista da Índia da época. Este mestre instruiu Bodhidharma a ir para a China sessenta e sete anos após a sua morte, e a história conta que ele viajou por via marítima do sul da Índia para a China já em idade avançada para cumprir a sua missão.

Bodhidharma é apresentado como tendo traçado a distinção entre as manifestações socioculturais da religião e a compreensão suprema do Zen. Para transpor o vasto fosso cultural entre a Índia e a China, Bodhidharma utilizou a doutrina budista da consciência, que atravessa diferenças culturais e históricas até à essência da mente humana. Muito mais tarde, o seu ensinamento foi referido como “apontar diretamente para a mente humana para ver a sua essência e alcançar a iluminação.”

A doutrina da consciência é uma ferramenta útil para compreender o que o Zen faz, e esta é uma das razões da sua associação tradicional com o fundador do Zen, Bodhidharma. Segundo este ensinamento, as coisas têm três naturezas: imaginária, relativa e absoluta. A essência e a prática do Zen residem nestas três naturezas e na sua interação.

A natureza imaginária das coisas significa as coisas tal como as concebemos, tal como as representamos subjetivamente a nós próprios. A natureza imaginária das coisas é conhecida pela forma como pensamos e falamos sobre elas. Assim, a natureza imaginária das coisas é condicionada pela história e pelo costume cultural e pessoal.

A natureza relativa das coisas é a natureza dos fenómenos como existindo apenas em relação uns aos outros. Segundo a doutrina, a realidade inerente desta contínua interação de condições interdependentes está, em última análise, para além do alcance da conceção humana, porque todas as conceções que dela se têm são imagens mentais sobrepostas, não a coisa em si.

A realidade absoluta, conclui a doutrina, é o vazio da realidade, ou a derradeira irrealidade, da natureza imaginária das coisas. Pode também ser descrita como a natureza relativa das coisas estando vazia de correspondência real com as suas naturezas imaginadas. O mestre Zen clássico Baizhang disse: “Se compreenderes que não existe ligação entre os teus sentidos e o mundo exterior, serás libertado no ato.”

A doutrina diz que a realidade absoluta pode ser testemunhada, mas não pelos sentidos ou pensamento comuns. Segundo textos budistas que analisam a receção do Budismo nas comunidades humanas, quando a doutrina é exposta até este ponto, surge inevitavelmente a ideia de que o objetivo do Budismo é afastar-se da ficção da realidade imaginária para unir-se à natureza suprema da realidade absoluta. Segundo estes textos de diagnóstico, esse equívoco é um dos principais problemas do Budismo prático. É tratado com muita frequência nos escritos Zen.

Segundo a doutrina da consciência, a realidade imaginária do presente é incorporada na dimensão disponível da realidade relativa do futuro. Em termos simples, as visões e atitudes condicionam atos que influenciam ambientes, os quais, por sua vez, afetam visões e atitudes. O propósito da realização da realidade absoluta não é aniquilar a realidade imaginária, mas sim alcançar a liberdade prática de a afetar deliberadamente, e não apenas reforçá-la por hábito automático.

O *Sandhinirmocana-sutra*, um clássico da doutrina “só-consciência”, diz que o meio essencial pelo qual a realidade absoluta é conhecida é o desapego da realidade imaginária. Os ensinamentos Zen de “ausência de mente”, “não-pensamento”, “parar a mente” e assim por diante, são todas representações deste exercício de largar a imagem do mundo para testemunhar o absoluto. É

por isso que fazer a mente ficar em branco é rejeitado no Zen, pois este estado é apenas mais uma imagem e não um verdadeiro desapego da imaginação. Um dos primeiros mestres Zen clássicos é frequentemente citado por ensinar esta fórmula para o Zen: “Primeiro vais para o outro lado (o absoluto) para descobrir que ele existe, depois voltas para este lado (o relativo, tal como é percebido normalmente) para agir.” Após um certo grau de experiência, o conhecimento direto da realidade absoluta substitui a meditação como meio de controlar a relação com a realidade imaginária.

Usando a liberdade que isto traz, o budista Zen pode então aceder a um maior leque de consciência da realidade relativa do que o permitido por um sistema fechado de atitudes e conceitos. Isto aumenta o potencial de cultivo ou reconstrução eficaz da realidade imaginária de maneiras que trarão melhorias à futura realidade relativa.

Na Escola do Ornamento Floral do Budismo, de onde o Zen bebeu livremente, este processo de duas faces é descrito em termos de “retornar os objetos à mente” (perceber que as imagens são mentais) e “realizar o verdadeiro vazio” (a natureza fictícia das imagens), e depois “projetar os objetos a partir da mente” (elaborar imagens construtivas viáveis) e “realizar o ser subtil” (a concretização do pensamento em ação).

Ambos estes passos têm diretrizes práticas específicas, ou leis naturais para trabalhar com o absoluto e o relativo. Estas são apresentadas de muitas formas diferentes ao longo do cânone budista. Uma das descrições mais explícitas da regra para o absoluto — que clarifica um atributo básico do Zen — encontra-se no *Sandhinirmocana-sutra*. Segundo esta escritura, o Buda disse:

“A verdade suprema de que falo é aquela que é interiormente realizada pelos sábios, enquanto o âmbito do pensamento e da deliberação é aquilo que as pessoas não-iluminadas testemunham entre si. Por isso deveis saber que a verdade suprema transcende todos os objetos do pensamento e da deliberação. A verdade suprema de que falo não tem forma com a qual se possa relacionar, enquanto o pensamento e a deliberação operam apenas na esfera das formas. Por isso deveis saber que a verdade suprema transcende todos os objetos do pensamento e da deliberação.

A verdade suprema de que falo não pode ser expressa em palavras, enquanto o pensamento e a deliberação operam apenas no reino da verbalização. Por isso deveis saber que a verdade suprema transcende todos os objetos do pensamento e da deliberação. A verdade suprema de que falo não tem representação, enquanto o pensamento e a deliberação operam apenas no reino da representação. Por isso deveis saber que a verdade suprema transcende todos os objetos do pensamento e da deliberação. A verdade

suprema de que falo põe fim a toda a controvérsia, enquanto o pensamento e a deliberação operam apenas no reino da controvérsia. Por isso deveis saber que a verdade suprema transcende todos os objetos do pensamento e da deliberação.”

Assim, os mestres Zen clássicos insistem que o Zen não pode ser compreendido ou alcançado pela cognição comum. A escritura prossegue, ilustrando como os hábitos mentais inibem o despertar da percepção subtil e sem forma, e o conhecimento ativado na realização Zen:

“Alguém habituado a sabores picantes e amargos toda a vida não pode imaginar, avaliar ou acreditar na doçura do mel ou do açúcar. Alguém que, por ignorância, toma um interesse esmagador nos desejos devido à ânsia apaixonada e, por isso, se inflama de excitação, não pode, como resultado, imaginar, avaliar ou acreditar na maravilhosa bem-aventurança do desapego e da eliminação interior dos dados sensoriais.

Alguém que, por ignorância, se agarra à retórica devido a um interesse esmagador nas palavras, não pode, como resultado, imaginar, avaliar ou acreditar no prazer do santo silêncio com tranquilidade interior. Alguém que, por ignorância, se apegue às aparências do mundo devido a um interesse esmagador nos sinais percetivos e cognitivos, não pode, como resultado, imaginar, avaliar ou acreditar no nirvana supremo que apaga todos os sinais para que a reificação cesse.

Tal como as pessoas ignorantes, devido às suas várias controvérsias e crenças envolvendo apegos ao eu e às posses, se agarram a disputas mundanas e, por isso, não podem imaginar, avaliar ou acreditar num estado ideal em que não há egoísmo, nem possessividade, nem apego, nem disputa, do mesmo modo aqueles que perseguem pensamentos não podem imaginar, avaliar ou acreditar no carácter da verdade suprema que está para além da esfera de todo o pensamento e deliberação.”

Devido à diferença radical entre o conhecimento Zen e o conhecimento comum, a ênfase colocada nesta lei absoluta no ensino Zen atrai frequentemente tanta atenção que cria um desequilíbrio. No entanto, apesar dos inconvenientes de enfatizar o absoluto — inconvenientes que derivam principalmente de reações exageradas como o anseio ou o medo irracionais — é axiomático que a própria regra relativa não pode tornar-se plenamente eficaz sem a realização do absoluto.

Um provérbio Zen diz: “Deixa-te cair de um penhasco, morre completamente, e depois volta à vida — depois disso já não podes ser enganado.” O conhecimento do absoluto é assim usado para cortar ilusões ou sentimentos

subjetivos sobre o que é indicado, ou o que é possível, nos domínios das regras relativas e imaginárias.

Talvez a definição mais concisa e inclusiva da regra relativa — que é relativa ao domínio em que é aplicada — seja articulada na *Escritura do Ornamento Floral*: a regra diz que a ação iluminadora inclui tudo “o que seja conducente ao benefício e bem-estar de todas as criaturas”. Os passos dados para aplicar esta regra são resumidos em duas histórias clássicas Zen: dois mestres foram perguntados sobre o que se deve fazer na vida diária; um disse: “Não pergunto sobre a vida diária, apenas exijo que a tua visão seja verdadeira”, e o outro disse: “Cada passo deve assentar nesta questão.”

Juntas, estas histórias ilustram a harmonização das duas faces da realização Zen, seguindo a abordagem tradicional que evita tanto o dogma como a negação.

Uma das maiores tarefas do Zen, portanto, é tornar a transição entre os níveis imaginário, relativo e absoluto da realidade o mais fluida possível. A doutrina da consciência usa outro modelo para este fim: o das “três subtis e seis grosseiras facetas” da representação consciente. Uma excelente ferramenta de auto-observação, este modelo é também útil para compreender os objetivos dos procedimentos Zen.

A primeira das três facetas subtis chama-se consciência condicionada pela ignorância. Esta dá origem ao que se chama o estado de excitação, que é a aparência da subjetividade. Este segundo aspeto produz o terceiro, que é a objetivação das visões deste estado subjetivo de excitação. Aqui reside o elo impercetível entre o relativo e o imaginário. A aparência da objetivação da subjetividade é depois sujeita ao tratamento conhecido como as seis facetas grosseiras da consciência.

A primeira destas seis facetas grosseiras é a cognição — a cognição das características das construções mentais projetadas para definir o mundo. A segunda faceta é a continuidade, ou repetição dessas construções. A terceira é o apego às aparências específicas assim construídas. A quarta faceta grosseira da consciência é a atribuição de rótulos. A quinta é a ação baseada nas ideias e atitudes assim geradas. A sexta e última faceta da consciência condicionada é a dor causada pela prisão ao hábito.

Existem várias técnicas Zen usadas para interromper a formação mental de ciclos viciosos em pontos críticos desta cadeia de facetas subtis e grosseiras do condicionamento. As histórias e imagens da tradição Zen são em si mesmas meios de afetar a qualidade da consciência pelo seu impacto sobre certos elos da cadeia.

Diz-se que Bodhidharma fundou o Zen na China com base na doutrina da consciência, sem quaisquer vínculos organizacionais. Segundo uma lenda, Bodhidharma passou mais de cinquenta anos na China, ensinando sempre que surgia a ocasião. Outras fontes dizem que esteve lá por um período muito mais curto e com atividade muito mais limitada. Acredita-se geralmente que comunicou os segredos mais íntimos do Zen a quatro pessoas, incluindo uma mulher. Diz-se também que foi envenenado seis vezes por monges budistas rivais, e que finalmente se deixou morrer, já em idade muito avançada, quando a sua missão de ensino se completou.

Como tantas vezes acontece na tradição Zen, a maioria dos herdeiros de Bodhidharma desaparece do palco central para o desconhecido histórico. Grande parte da tradição das gerações seguintes concentra-se apenas num dos primeiros mestres Zen chineses, um homem chamado Huike. Há várias histórias-chave sobre Huike, que representam temas como o triunfo da mente sobre a matéria, o exercício Zen de procurar a fonte da mente, o uso de ambientes agitados para testar a estabilidade mental e a continuidade do trabalho Zen no meio do trabalho comum. Huike costumava ir às portas exteriores de grandes mosteiros urbanos e dar palestras sobre o ensinamento sem forma da mente Zen, atraindo grandes multidões. Como resultado, tal como Bodhidharma, foi perseguido por sectários, acabando por morrer executado, já em idade muito avançada.

Trezentos anos mais tarde, um famoso mestre Zen viria a dizer: “Os nossos antepassados foram expulsos para onde quer que fossem”, referindo-se à realidade psicológica de que a independência radical do Zen é anátema para o sentimento humano comum, deixando o indivíduo com a luta solitária de elevar a sensibilidade acima da racionalização e da emoção que tomam a familiaridade como critério fundamental da realidade.

Diz-se que Huike teve dez alunos privados, quase metade deles leigos, aos quais comunicou a essência do Zen. Tendo em conta a intensidade e peso das histórias ilustrativas do Zen inicial, que concentram vidas inteiras e gerações em poucas vinhetas, é digno de nota que esta tradição afirme que mulheres e leigos foram incluídos no Budismo Zen desde o seu início.

Muitos sutras budistas e outros escritos são regularmente dirigidos a homens e mulheres leigos, e contêm numerosos exemplos de adeptos e mestres leigos de ambos os sexos. A história do Zen também afirma que as linhagens das chamadas Cinco Casas do Zen, as principais escolas clássicas do Zen na China, foram todas remendadas por mulheres em momentos críticos durante as suas gerações formativas.

A perspectiva de libertação para as mulheres e para a pessoa comum em geral era, como sempre, vista pelos interesses políticos estabelecidos como uma ameaça à ordem constituída da sociedade. Esta foi uma das principais razões pelas quais os mendicantes — que, na sua verdadeira forma, eram pessoas que tinham abandonado o interesse pessoal no ganho ou perda mundanos — eram frequentemente escolhidos para representar publicamente o Budismo, a fim de acalmar os medos irracionais de políticos e académicos.

No entanto, quando alguns monges se tornaram eles próprios potentados e a política invadiu os mosteiros, esta função específica diminuiu consideravelmente.

O mestre Zen Huike é também representado como cuidando dos doentes, parte da tradição geral da prática budista. A sua cura mais famosa foi a de Sengcan, um homem com uma temida doença que acabaria por se tornar sucessor de Huike no Zen. Neste caso, diz-se que Huike usou meios puramente espirituais para libertar o homem do domínio da doença e permitir-lhe recuperar a saúde de forma natural e espontânea.

A cura mental no Zen, suficientemente importante para ser incluída entre as histórias dos fundadores, aparece aqui e ali ao longo da história do Zen, mas raramente é destacada com ênfase. A cura mental de Huisi, outro mestre Zen inicial considerado um dos fundadores do Budismo Tiantai, também está documentada na história do Zen. O seu aluno Zhiyi, o autor definitivo do sistema altamente articulado do Budismo Tiantai, incluiu ensinamentos sobre métodos de cura nas suas famosas obras sobre meditação.

O sucessor de Huike, Sengcan, é tradicionalmente creditado como autor de *O Coração Confiado*, uma das obras mais antigas e duradouramente populares sobre o Zen. Citações desta obra favorita aparecem por toda a literatura Zen posterior. Em termos gerais, é um guia para a meditação Zen, mas o tema unificador é o equilíbrio mental. Muitas das instruções Zen traduzidas no presente volume estão muito no espírito deste clássico inicial do Zen. Huike, sucessor de Bodhidharma, é tradicionalmente recordado não apenas como transmissor da essência do Zen, mas também como praticante ativo da compaixão. Entre os seus atos mais célebres está a cura de Sengcan, um homem acometido de uma temida doença, que mais tarde se tornaria seu sucessor. Conta-se que Huike utilizou apenas meios espirituais para quebrar o domínio da enfermidade e permitir que Sengcan recuperasse a saúde de modo natural e espontâneo.

A cura mental no Zen — suficientemente significativa para figurar nas narrativas dos fundadores — aparece ocasionalmente ao longo da história do Zen, mas raramente é posta em destaque. Também se encontra registada a

cura mental realizada por Huisi, outro mestre inicial considerado um dos fundadores do Budismo Tiantai. O seu discípulo Zhiyi, autor definitivo do sistema altamente elaborado do Budismo Tiantai, incluiu ensinamentos sobre métodos de cura nas suas célebres obras de meditação.

Sengcan, sucessor de Huike, é tradicionalmente creditado como autor de *O Coração Confiado*, uma das obras mais antigas e duradouramente populares do Zen. Citações deste texto muito estimado surgem por toda a literatura Zen posterior. No essencial, trata-se de um guia de meditação Zen, mas o seu tema central é o equilíbrio mental. Muitas das instruções Zen traduzidas no presente volume refletem o espírito deste clássico precoce do Zen.

O sucessor de Sengcan, Daoxin, foi o primeiro grande mestre Zen chinês a estabelecer uma comuna especial para o estudo intensivo do Zen. Como muitos outros mestres Zen, é apresentado como tendo recusado as honras que lhe foram concedidas pelo imperador da China, ilustrando a transcendência do Zen sobre as ambições mundanas.

Agora que o Zen estava sob o olhar público, Daoxin articulou uma grande variedade de métodos e critérios rigorosos para mestres Zen. Enfatizou a lei natural da transmissão Zen, segundo a qual ninguém poderia ensinar Zen a outra pessoa sem ter já alcançado perfeita clareza de mente. Diz-se que ele próprio deu permissão para ensinar apenas a um entre quinhentos alunos. Este aluno, um homem de origem desconhecida chamado Hongren, atraiu um grupo de setecentos estudantes, dos quais onze se tornaram reconhecidos como sucessores iluminados e mestres Zen públicos.

Hongren é formalmente designado como autor de um breve tratado sobre a técnica Zen de preservar a mente original, mas esta obra é pouco notada na tradição Zen. Mais frequentemente, Hongren é associado ao ensinamento da sabedoria transcendental do Budismo, que distingue a mente dos estados mentais e separa a essência da religião da emoção e do sentimentalismo. O ensinamento da sabedoria transcendental, também central na prática budista Tiantai, passou a ser usado nas escolas Zen de tal forma que alguns observadores identificaram o Zen com o desenvolvimento desta fase específica do Budismo.

Com a carreira do principal sucessor de Hongren, o célebre mestre Zen Huineng, começou a história do que rapidamente se tornaria a corrente principal do Zen. Huineng, que morreu no início do século VIII, é retratado como um jovem lenhador analfabeto de uma região remota da China, que despertou de repente para a verdade do Zen ao ouvir alguém recitar uma popular escritura de sabedoria transcendental. Segundo a lenda, permaneceu por pouco tempo na comunidade do grande mestre Zen Hongren como

trabalhador manual, recebeu o reconhecimento da sua iluminação e fugiu em segredo para evitar a hostilidade dos estudiosos da comunidade. Viveu quinze anos nas montanhas com grupos de caçadores e, finalmente, reapareceu no sul da China como mestre Zen maduro, atraindo buscadores da verdade de todo o país.

A lenda de Huineng exemplifica vários temas fundamentais do Zen. Vindo de uma região atrasada, sem estatuto social ou educação formal, representa a mesma transcendência de casta e de costume que o Buda original representou quando declarou inválido, no Budismo, o antigo sistema de castas indiano e disse às pessoas para não acreditarem em nada apenas por ser uma crença tradicional, por estar escrito em livros ou por ser proferido por autoridades. E, tal como o Budismo produziu a primeira grande literatura sagrada indiana em línguas vernáculas, também o Budismo Zen produziu, nos três séculos após Huineng, uma literatura sagrada em chinês vernáculo.

Iluminado em jovem, sem qualquer treino ou instrução anterior, Huineng respondeu a um teste criado por Hongren para ilustrar algo à sua grande comunidade de estudantes. A tradição Zen apresenta estes estudantes como monges budistas altamente instruídos e bem treinados — e a história confirma que muitos budistas avançados de outras escolas acorreram ao Zen nos seus primeiros séculos. O jovem Huineng, não iniciado mas iluminado, é retratado como superando mesmo os maiores destes eruditos e praticantes distintos, com a suprema sabedoria conhecida como conhecimento sem mestre.

Em todo o Zen tradicional existe a ideia de que a compreensão do Zen pode ser estimulada pelo cultivo, mas que nenhum cultivo deliberado pode garantir absolutamente a realização Zen. Segundo a tradição, há um elemento indefinível necessário para potenciar o efeito Zen. É algo que não é coisa alguma — a sabedoria inefável chamada conhecimento sem mestre. Considera-se que está inerente a todos, mas Huineng é especialmente destacado como mestre do conhecimento sem mestre para mostrar como a iluminação não depende de condicionamento.

Este conhecimento independente é também chamado “a subtileza que não pode ser transmitida, nem mesmo de pai para filho”. Não se assemelha à transmissão ritual de conhecimento ou autoridade formais, nem a uma doutrina ou credo. Vários mestres clássicos são muito enfáticos neste ponto, e uma das principais controvérsias da história do Zen foi, de facto, causada por pessoas que negavam a necessidade de iluminação pessoal mas afirmavam haver uma transmissão secreta. O meio desta “transmissão secreta” acabou, naturalmente, contaminado por pontos de vista pessoais e, depois, por sentimentos pessoais.

O lendário ataque de uma facção de monges contra Huineng é um modelo clássico do que acontece quando sentimentos de posse se apegam à religião. Desde o início do Zen, quando o fundador Bodhidharma disse ao imperador da China que os seus atos piedosos não tinham mérito, ao longo dos séculos o Zen lidou com este problema do egoísmo ulterior na religião. Segundo um provérbio Zen: “Se não tens sentimentos acerca das coisas mundanas, todas elas são Budismo; se tens sentimentos acerca do Budismo, é uma coisa mundana.”

Segundo a história tradicional do Zen, Huineng teve trinta e três discípulos iluminados que se tornaram professores locais, enquanto “os outros, que esconderam os seus nomes e disfarçaram os seus rastros, não podiam ser todos contados”. Isto torna-se também um tema recorrente na tradição Zen, onde pessoas que chegam a compreender o Zen desaparecem na teia social, enquanto apenas alguns continuam o ensino público do Zen. Na China, pelo menos, isto foi acompanhado, na história concreta, por uma dispersão e reforma quase contínuas das escolas Zen, e pelo surgimento de fases sucessivas do ensino Zen sob diferentes nomes e formas.

Após a conclusão do ensino de Huineng e o dismantelamento da sua escola, o Zen penetrou silenciosa e informalmente nos antigos estabelecimentos budistas e floresceu sob a orientação de dois mestres Zen extraordinários do século VIII, Shitou e Mazu. Estes dois professores, conhecidos como “as duas portas da imortalidade”, formaram quase todos os mestres Zen conhecidos da geração seguinte.

Shitou, cuja vida abrangeu quase todo o século VIII, é particularmente conhecido pelo seu notável poema didático intitulado *A Fusão da Diferença e da Igualdade*. Este é um dos mais concisos enunciados do Budismo registados, escrito com elevado nível de concentração. Muitas tentativas foram feitas para elucidar os seus significados interiores, com comentários que remontam ao final do período clássico do Zen, apenas algumas gerações após a composição original.

No estilo típico dos textos escritos de forma concentrada no Zen, a obra de Shitou diz muito sobre os princípios fundamentais do Zen logo na sua declaração inicial: “A mente do grande imortal da Índia é comunicada intimamente a Oriente e a Ocidente.” O grande imortal da Índia refere-se ao Buda, e essa mente refere-se à mente iluminada. O termo usado para “imortal” aqui é um termo taoista, e os caracteres no título da obra são idênticos aos de um antigo clássico taoista de alquimia espiritual. Aqui, Shitou não está apenas a usar ornamento literário ou aproximação conceptual; a mensagem é que a mente iluminada atravessa e ultrapassa as distinções de formato religioso, é

mais profunda e não é impedida por diferenças culturais, como as existentes entre Oriente e Ocidente.

O grande contemporâneo de Shitou, Mazu, cuja vida também abrangeu quase todo o século VIII, é o primeiro dos mestres Zen cujas instruções são traduzidas neste volume. A maior parte do que se sabe sobre Mazu encontra-se nos registos das suas interações com outras pessoas, relatando histórias de despertares súbitos que se diz terem sido provocados pelas suas palavras, atos e influência carismática. Mazu teve cento e trinta e nove discípulos iluminados, oitenta e quatro dos quais se tornaram professores públicos. Os seus descendentes espirituais tiveram um impacto significativo nos séculos seguintes.

O ensinamento registado de Mazu é extremamente simples e, ao mesmo tempo, abrangente, enfatizando a normalidade psicológica no sentido Zen — a liberdade em relação às flutuações das construções mentais e artificialidades. Para alcançar ou restaurar essa normalidade, Mazu ensinava as pessoas a não se apegarem a pontos de vista subjetivos; deste modo, dizia, é possível transcender o mundo comum sem isolamento ou rejeição da vida quotidiana. Mazu afirmava que pensamentos e sentimentos se solidificam ao longo das vidas individuais e culturais, formando a substância do mundo aparente.

A sua técnica Zen fundamental consistia em usar essa compreensão para tornar impessoal a si mesmo e à sociedade, relaxando o aperto da mente sobre as suas criações e largando os trilhos de pensamento, chegando assim a uma percepção inconcebível da realidade. Segundo Mazu, a iluminação significa a realização da essência da mente e dos objetos, e o seu fruto está para além das práticas que conduzem à sua obtenção.

Um dos muitos herdeiros espirituais notáveis de Mazu foi Dazhu, cujas palavras surgem a seguir às de Mazu nesta coleção. Dazhu oferece um exemplo primoroso da simplicidade profunda deste Zen inicial. Explica a falha do ego religioso ou da paixão religiosa, tão tipicamente criticada nos escritos Zen posteriores; fazer do estudo budista um negócio, diz Dazhu, pode incapacitar as pessoas para a experiência autêntica da libertação, na medida em que esses estudos sejam conduzidos num estado mental afetado pela subjetividade comum e pela fascinação pelos objetos.

Em tempos um pouco mais tardios, quando o Zen estava ainda mais bem estabelecido, os professores notavam frequentemente as ligações entre abordagens estereis ao Zen e a ganância material comum, à medida que as comunas Zen eram transformadas em instituições e modos de vida mundanos, completos com sistemas sociais e materiais de recompensas e castigos, territórios, fações e tudo o que daí advém. As raízes deste problema, contudo,

já tinham sido articuladas nas primeiras gerações do Budismo Zen por Dazhu e outros sucessores da escola de Mazu.

O próximo mestre Zen cujas instruções figuram neste volume é Linji, um formidável professor do século IX. Ensinado por um homem iluminado de forma espontânea, que também tinha convivido com Baizhang — um dos discípulos notáveis de Mazu —, Linji aperfeiçoou a representação estrutural do ensinamento Zen que lhe tinha sido transmitido e deu-lhe vida com a sua própria iluminação extraordinária. O registo das suas palavras, compilado originalmente por um discípulo direto, tornou-se um dos clássicos mais importantes do Zen. É deste célebre registo que são traduzidas as seleções aqui apresentadas.

Tal como outros mestres Zen que ensinavam a normalidade, Linji advertia os alunos para não procurarem poderes extraordinários. Não negava a existência de tais poderes, mas insinuava que imaginações subjetivas e desejos pessoais não constituíam bases sólidas para desenvolver os potenciais superiores da mente. Linji insistia que o que as pessoas realmente precisavam era de verdadeira percepção e compreensão; ao alcançá-las, dizia, as maravilhas surgiriam por si mesmas. Enfatizava a importância da independência, recusando assumir as confusões e ilusões dos outros, confiando no eu mais íntimo. Linji dizia às pessoas para fazerem o que tinham de fazer, sem se deixarem alterar por influências externas.

Como outros mestres Zen, Linji referia-se ao Zen como o ensinamento do solo da mente — o nível mais fundamental de consciência. Ensinava que o solo da mente podia mover-se livremente tanto nos domínios sagrados como nos profanos, sem se identificar com nenhum deles. “Sejam independentes” — dizia —, “não permanecendo nem mesmo no solo da mente, não se apoiando em estados internos nem em condições externas; assim, as situações que surjam não vos poderão mudar, e essa independência radical liberta-vos até dos hábitos nocivos.”

Linji também alertava que o estudo indiscriminado é ineficaz, comparando-o a uma cabra que anda a farejar e mastigar tudo o que encontra. Discernimentos especiais são essenciais para que o estudo progrida além de certo ponto, explicava; religiosos profissionais que não conseguem distinguir entre obsessão e iluminação acabam, por conseguinte, por formar organizações sociais e não corpos espirituais. E isto não é independência no sentido Zen. Como Linji afirma: “Se amas o sagrado e desprezas o comum, ainda estás a boiar no oceano da ilusão.”

Ensinava que os bloqueios mentais que impedem tanto a vida espiritual como a social são causados pelo apego a rótulos e slogans. Estes bloqueios inibem a

percepção da verdade objetiva, dizia, aprisionando a mente nas paredes de ideias e atitudes continuamente reforçadas pelo que a doutrina da consciência chama “a sonolência das palavras”. Para se libertar dessas influências, Linji insistia que era imperativo conhecer o verdadeiro eu; mas este verdadeiro eu não pode ser procurado deliberadamente, porque a própria deliberação já é artificial. É aqui que reside a subtileza do Zen.

Segundo a história narrada pelos mestres Zen, essa subtileza — pela sua própria natureza impossível de apreender pelo intelecto comum — foi eventualmente usada como véu por intrójetados, charlatões e aspirantes a mestres fascinados pelo poder da mistificação. Para Linji, muitos “zennistas” não verdadeiramente iluminados ascendem à posição de mestres como etapa prevista de carreira. Falsos mestres escondem-se atrás de ditos misteriosos ou de religiosidade ritualizada. Pessoas piedosas mas ingênuas podem ser enganadas por estes pretensos mestres, cujo “ensinamento” não liberta, mas, pelo contrário, aprisiona. Tal como muitos outros mestres autênticos, Linji denuncia claramente estes transmissores falsos do Zen, mostrando como reconhecer e evitar a sugestão mental agressiva do Zen de imitação.

Tal como o Buda, Linji sustenta que, para alcançar a libertação, é necessário desprender emoção e intelecto de preconceitos formados pelo condicionamento social — incluindo crenças tradicionais e religiosas —, a fim de recuperar o espaço mental e a objetividade necessários a uma perspectiva universal da realidade. Caracteristicamente, Linji afirma que não existe doutrina no Zen, porque o Zen é apenas “curar doenças e soltar grilhões”.

Após Linji, este volume apresenta os ditos do seu contemporâneo Yangshan. Considerado um dos grandes génios do Zen, Yangshan contava entre os seus discípulos muitos altos funcionários. Numerosas anedotas suas figuram nas coleções clássicas de histórias Zen. É conhecido por enfatizar a natureza não dogmática do ensinamento Zen, que atua em resposta à necessidade, e não por profissão ou afirmação. Yangshan afirmava que o Zen absoluto está além do sentimento humano e não atrai o buscador de sensações.

Esta perspectiva é, por vezes, considerada dogmática por quem está habituado ao dogma, mas a inacessibilidade do Zen absoluto ao pensamento e ao sentimento comuns não é tida pelos budistas como uma doutrina, mas como uma qualidade da sua natureza inerente, tal como é explicada no *Sandhinirmocana-sutra*.

Tal como Linji, Yangshan alertava as pessoas para não procurarem o miraculoso, mas sim o essencial — a verdadeira mente fundamental; todos os prodígios são desdobramentos, dizia, que surgem por si mesmos quando a base está estabelecida. A atração subjetiva pelo incomum ou extraordinário

não é considerada uma base sólida para a prática Zen, pois continua a aprisionar a mente nas suas próprias imagens. Isto não significa que os mestres Zen não desenvolvam capacidades extraordinárias, mas apenas que não as buscam por si mesmas.

O mestre seguinte apresentado nesta coleção é Fayan, que morreu em meados do século X. Fayan foi o último dos grandes mestres clássicos cujas escolas aperfeiçoaram a articulação inicial do Budismo em termos Zen. A sua escola — particularmente conhecida por demonstrar o que é a erudição Zen e como esta funciona — teve um impacto especialmente grande na Coreia durante as suas três primeiras gerações. Um dos seus sucessores desempenhou um papel fundamental na revitalização da antiga escola budista Tiantai. Entre os herdeiros deste último figurava o nono patriarca do Budismo da Terra Pura, mestre de Zen e de todas as escolas, pioneiro de um novo movimento pan-budista.

Fayan é sobretudo conhecido por ensinar estudantes avançados, mas também escreveu um tratado sucinto sobre diretrizes gerais para escolas Zen, criticando as tendências decadentes que já observava nas seitas Zen da época e delineando claramente os verdadeiros ideais do Zen. Com isto, Fayan deu continuidade e desenvolveu ainda mais uma tradição crítica fortemente marcada nos ensinamentos dos sucessores e descendentes da escola de Mazu, e que viria a intensificar-se durante a dinastia Song (960–1278), período em que a influência do Zen na cultura chinesa foi preponderante. As seleções aqui traduzidas provêm desse tratado, um dos mais antigos escritos Zen.

O primeiro ponto que Fayan destacou nas suas diretrizes foi a necessidade de estar iluminado antes de ensinar outros. Escreveu que a degeneração no Zen era causada por pessoas que procuravam tornar-se mestres Zen e líderes de grupos. Era, portanto, imperativo, ensinava, clarificar a base da mente e libertar-se dos ciclos viciosos que aprisionam a atenção e a percepção dentro de limitações artificialmente condicionadas. Fayan também afirmava que a verdadeira clareza e iluminação Zen não podiam ser alcançadas apenas com meditação sem a orientação correta.

Entre as deteriorações das escolas Zen às quais o tratado de Fayan faz referência especial está o sectarismo. Escreveu que, embora o Zen não tenha formas sectárias a valorizar, os seguidores acabaram por se tornar tradicionalistas, sectários e competitivos. Para contrariar esta tendência, Fayan ensinava as pessoas a não se limitarem a memorizar slogans e a não seguir cegamente o formato de uma escola à maneira de fantoches políticos que seguem a linha do partido. Como modelos da verdadeira abordagem ao Zen, o tratado de Fayan cita algumas das célebres palavras de mestres anteriores, dizendo: “O segredo está em ti” e “Tudo flui do teu próprio coração.”

Fayan também advertia para não confundir estados impermanentes com verdadeiras realizações, e para não permitir que teoria e prática, ou princípio e facto, se alienassem um do outro. A percepção errónea de estados cultivados como experiências de iluminação é bastante típica de escolas Zen deterioradas com gosto por excitação, enquanto a alienação entre teoria e prática é típica de escolas doutrinárias que usam sistemas padronizados. Ambos estes extremos estão bem documentados na tradição diagnóstica Zen, assim como a interpretação subjetiva de histórias Zen — outra degeneração comum, igualmente condenada por Fayan no seu tratado.

Estas traduções dos ditos e escritos dos mestres clássicos Mazu, Dazhu, Linji, Yangshan e Fayan são seguidas de seleções dos escritos de dois pioneiros na projeção literária do Zen durante os séculos X e XI — Fenyang e Xuedou — e dos ditos de dois mestres que aceleraram o desenvolvimento do Zen em meados da dinastia Song, Huanglong e Yangqi.

A projeção literária do Zen foi determinante para penetrar o tecido geral das culturas e sociedades chinesas e sinizadas, mas representa apenas uma parte do impacto total do Zen. Fenyang e Xuedou foram também mestres bem-sucedidos, além de escritores excepcionalmente talentosos, mas a sua contribuição para a literatura Zen destaca-se sobretudo. Fenyang conheceu mais de setenta mestres Zen e incorporou os ensinamentos de todas as principais linhas do Zen nos seus escritos, acrescentando também os seus próprios comentários e criando novas formas a partir de antigos recursos linguísticos Zen.

Fenyang enfatizava a ideia budista fundamental de que a iluminação é inerente à mente, mas é obscurecida por hábitos adquiridos de percepção e pensamento. Ilusão e iluminação têm ambas raízes na mente, escreve Fenyang, mas a maioria das pessoas não leva realmente a sério a ideia da natureza búdica inerente porque está envolvida em pensamentos, sentimentos e humores pessoais. É por isso que existe o ensinamento Zen, apesar de ser, em última instância, imperativo, como diz Fenyang, “saber por ti próprio”.

Segundo Fenyang, embora o ensinamento Zen seja impessoal, é necessária afinidade ou sintonia do buscador com o próprio Zen. A relação entre mestre Zen e aprendiz é crucial, mas não é igual à relação entre professor e aluno nos sistemas convencionais de ensino, particularmente porque o Zen não pode ser totalmente explicado ou transmitido em termos comuns. Como diz Fenyang, mil livros não chegam, mas até uma palavra pode ser demais.

Além disso, a educação Zen distingue-se do ensino comum pelo facto de a competição — um elemento bem reconhecido nos sistemas convencionais —

apenas desperdiçar tempo no Zen. Embora o despertar Zen seja a chave para a paz de espírito no meio do mundo e desbloqueie capacidades ocultas, a liberdade do Zen não é útil para quem não esteja preparado. Por isso, a educação Zen impõe níveis extraordinariamente elevados de responsabilidade tanto a mestres como a discípulos, exigindo um grau de maturidade invulgar do ponto de vista das escolas seculares.

Xuedou é considerado o revitalizador daquela que terá sido talvez a mais arcana e elaborada das escolas clássicas de Zen, que empregava técnicas que sempre exigiram um génio especial. É particularmente notado por três obras literárias de destaque: uma coleção de versos sobre cem histórias Zen, uma coleção de comentários em prosa sobre outro conjunto de cem histórias Zen e uma antologia de poesia. Os seus sucessores diretos transformaram-se também numa das escolas de Zen mais poderosas durante o final da dinastia Song, e os seus escritos chegaram mesmo a influenciar a primitiva Escola da Realidade Completa do Taoísmo.

Xuedou escreveu que o significado vivo do Zen é o próprio desígnio da vida, e que a compreensão verdadeiramente íntima não pode ser obtida de outra pessoa. Este princípio do Zen — de que é, em última instância, realizado dentro de si próprio — passou também a ser usado como máscara para todo o tipo de versões personalistas do Zen, mas Xuedou advertia que era necessário despir a mente das ilusões adquiridas antes de ver a realidade diretamente. Este aviso é semelhante ao articulado por Fayen no que toca às histórias Zen, que dizia requererem purificação mental para serem compreendidas e utilizadas.

Em contraste com Fenyang e Xuedou, Huanglong e Yangqi são exemplos de mestres Zen célebres principalmente pelos efeitos das suas escolas, e não tanto pelos vestígios literários, sendo relativamente pouco conhecidos os seus próprios ensinamentos. Existe uma coleção de cartas de Huanglong, mas estão em grande parte preocupadas com assuntos da atualidade e raramente contêm instruções Zen explícitas.

Analisando a condição de aprisionamento de que o Zen procura libertar as pessoas, Huanglong recorre a uma expressão célebre do Budismo da Guirlanda de Flores (*Flower Ornament*): o conhecimento da realidade é bloqueado pelos sentimentos, e as coisas são moldadas por imagens; as pessoas tendem a cair em hábitos baseados nesses sentimentos e imagens, e assim prendem-se inconscientemente. Para chegar ao despertar espontâneo do Zen como solução para este problema, acrescenta Huanglong, é necessário parar a mente inquieta. Andar de escola em escola à procura de mestres, diz, “ocupa-te até à morte”.

Para Huanglong, o conhecimento supremo do Zen — conhecimento que não pode ser ensinado — está para além do exercício ou estudo intelectual comum. A essência do Zen, dizia, está para além dos sentidos materiais e não pode ser alcançada por experiências sensoriais. Isto não significa, contudo, que a experiência comum deva ser evitada ou rejeitada para se procurar o Zen, pois “o buscador do Zen deve sentar-se no local do despertar universal, mesmo no meio de todas as situações espinhosas da vida, e reconhecer o seu rosto original enquanto se mistura com o mundo comum”. A liberdade na terra, ensinava, significa estar pronto para tudo; as pessoas presas ao desapego e incapazes de entrar no domínio das paixões incólumes não podem ajudar nem a si mesmas nem aos outros.

Praticamente nada se sabe sobre Yangqi, apesar da fama da sua escola e da poderosa influência da linha de mestres que dele descende. Yangqi dizia que a condição do ambiente depende das mentalidades e ações individuais e coletivas dos seus habitantes, mas que essas mesmas mentalidades e ações são também condicionadas pelo ambiente. Visto de dentro, este círculo é a roda sufocante do aprisionamento em si, mas com uma consciência extradimensional capaz de transformar deliberadamente o pensamento e o comportamento, torna-se um campo de ação progressiva.

O desapego das imagens formadas pelo processo de condicionamento, dizia Yangqi, enfraquece o seu poder hipnótico e permite que a mente recupere a autonomia que possibilita um novo progresso. Nada é destruído por esta experiência, contudo, exceto a força da ilusão; Yangqi ensinava que ainda existe sentimento humano, correspondente ao desígnio e à razão do mundo natural.

Yangqi dizia também que, em última análise, não existem mestres do Zen absoluto. Quando se compreende o Zen, afirmava, já não há necessidade de escolas — pode-se seguir o próprio caminho, livre e inteiro. Quando a mente está “aberta e clara como o espaço”, explicava, a inteligência original é límpida; e quando a consciência é “ampla e profunda como o oceano”, há equanimidade no meio dos acontecimentos. Para atingir isto, dizia, é necessária presença de espírito na ação.

Os quatro mestres seguintes que aparecem nesta coleção — Wuzu, Yuanwu, Foyan e Dahui — foram representantes distintos da chamada Escola da Montanha Oriental do Zen, que descendia do mestre clássico Linji através de Yangqi. Reconhecida pela sua grande influência entre a intelectualidade secular, a Escola da Montanha Oriental é uma das ramificações de Zen mais extensamente documentadas.

Wuzu já tinha atingido a meia-idade quando entrou em especialização Zen sob a tutela de um dos prodígios Zen da época, Baiyun, herdeiro direto de Yangqi que se tornou mestre Zen numa idade invulgarmente jovem e faleceu cedo. Baiyun enviou Wuzu para dirigir o moinho operado pelo mosteiro Zen numa cidade ao pé da montanha onde o mosteiro se situava. Diz-se que, sempre que monges desciam a montanha a bisbilhotar, Wuzu os escandalizava flertando com as jovens que vinham ao moinho.

Mais tarde, Wuzu ficou conhecido por uma habilidade de ensino única no seu tempo, recorrendo a histórias gráficas, metáforas coloridas, poesia terrosa, abstrações profundas, ações paradoxais e declarações diretas para abrir a mente dos ouvintes. Grande parte da dinâmica da influência da Escola da Montanha Oriental pode ser atribuída à grande capacidade de Wuzu. Era franco nas críticas às instituições Zen da sua época, que declarava estarem contaminadas por elementos do comportamento humano inconsistentes com os verdadeiros objetivos e práticas do Zen. Consequentemente, era também explícito na descrição do que considerava critérios apropriados para o Zen autêntico, tanto para o generalista como para o especialista. Os seus discípulos e descendentes na Escola da Montanha Oriental seguiram-no nesse aspeto.

Wuzu sublinhava a necessidade de os guias Zen retirarem até as concepções mais queridas dos praticantes para que estes pudessem alcançar a subtileza do Zen — que não pode ser categorizada ou definida em termos convencionais, não pode ser imaginada, nem alcançada pelo pensamento. Mais tarde, certos ditos seus foram especialmente usados para esse fim. Mas mesmo essa subtileza não deve, dizia, tornar-se um “ninho” no Zen maduro, nem ser tomada pessoalmente como realização — como diz o provérbio Zen, “Um general pode estabelecer a paz, mas não é para o general ver a paz”.

Yuanwu, um dos três discípulos mais ilustres de Wuzu, distingue-se como autor do *Registo do Penhasco Azul* (*The Blue Cliff Record*), um clássico literário notável do Zen. Existe também uma vasta coleção de registos das suas palestras, versos sobre temas Zen e cartas de instrução Zen. Estas cartas de instrução, particularmente apreciadas por estudantes posteriores da mente Zen, foram reunidas sob o título *Essenciais da Mente*. É deste famoso texto que são extraídas as seleções aqui apresentadas.

Yuanwu afirmava a natureza expedita dos ensinamentos e práticas Zen, que não devem ser dogmas e ritos fixos, mas meios para ajudar as pessoas a chegar à fonte da mente e libertar-se das ilusões. “O Zen está em ti” — dizia Yuanwu; a sua percepção penetrante e a calma profunda existem sempre. “Procura o nível da mente que não dança com objetos nem anda atrás de coisas” — instruía —; “limpa a mente, esquece opiniões e sentimentos subjetivos, e verás o significado do ditado Zen ‘A mente é Buda’.”

Tal como o seu mestre Wuzu, Yuanwu era altamente crítico dos estudos Zen deteriorados. Observava que muitos intelectuais e pessoas instruídas estudavam Zen como passatempo e tema de conversa. O Zen era usado como símbolo de status e tornara-se base para grande dose de elitismo devido à sua posição honrada na cultura chinesa. Este tipo de interesse pelo Zen aumentava, em vez de diminuir, os apegos egotistas. Assim, Yuanwu insistia na motivação e inspiração corretas para o estudo Zen, recomendando particularmente o exercício de contemplar a morte para clarificar a vontade.

Yuanwu afirmava também que a quietude não é necessária para o estudo e prática do Zen — “sê vazio por dentro enquanto te harmonizas com o ambiente”, dizia, “e estarás em paz mesmo no meio da atividade agitada do mundo.”

Yuanwu explicava que as mudanças feitas no método Zen ao longo dos tempos por guias verdadeiramente perspicazes e livres eram necessárias para impedir que as pessoas se apegassem às formas exteriores do ensinamento e as racionalizassem em princípios inflexíveis. “Todos os ensinamentos são expedientes”, escrevia, “apenas com o propósito de romper obsessões, dúvidas, interpretações intelectuais e ideias egocêntricas.” Isto é de uma ordem diferente das seitas ritualistas e sectárias que, mais tarde, reclamaram ser escolas Zen.

Yuanwu afirmava também que o verdadeiro Zen não necessita de apoio social e não é vulnerável a pressões sociais destrutivas. Explicava tanto as falácias como as realidades do Zen, como evitar as primeiras e como usar proveitosamente as segundas. Nessas discussões incluía observações sobre temas como a chamada palavra viva e palavra morta do Zen, a esterilidade de credos, dogmas e slogans, e a necessidade de equilíbrio nos tipos de técnicas utilizadas.

Um aspeto fundamental desse equilíbrio é resumido por Yuanwu em termos também familiares no Taoísmo: “Se queres alcançar a realização íntima do Zen, antes de mais nada não a procures. O que é alcançado procurando já caiu na intelectualização... Apenas quando páras a tua mente compulsiva... é que passas à liberdade.” Cita também o antigo mestre Dazhu sobre a busca externa: “Tudo vem do teu próprio coração. É isto que um antigo chamava de trazer à luz o tesouro da família.”

Quanto ao método, Yuanwu ensinava as pessoas a aquietarem os pensamentos, acrescentando que “é bom fazer isto mesmo no meio da perturbação”. Dizia às pessoas para largarem “imaginações anteriores, opiniões, interpretações, conhecimentos mundanos, intelectualização, egoísmo e competitividade” para tornar a mente “limpa e nua” e assim abrir-se ao Zen.

Depois disso, no entanto, dizia ser ainda necessário desenvolver consistência. Para ambas as etapas insistia na importância da vontade, pois é necessária uma determinação extraordinária para purificar o coração e mantê-lo limpo, exigindo consciência constante dos estados e ações internos e externos. “Só aqueles que atingiram o fundamental”, escrevia, “são capazes de estar interiormente vazios e exteriormente harmoniosos.”

O desapego e a cessação do pensamento são meios, não fins, do Zen. Yuanwu dizia que, quando o processo Zen é consumado, “Não há coisas mundanas fora do Budismo, e não há Budismo fora das coisas mundanas.” Depois de despertar para a realidade, afirmava, “Com cada pensamento estás a consultar professores infinitos.”

Se até mesmo meditações profundas são apenas ferramentas no Zen, quanto mais ainda o são as palavras. Têm um potencial enorme como meios hábeis para estimular percepções, mas não são libertadoras quando transformadas em totens. Yuanwu escreveu que, quando percebes que os ensinamentos verbais dos iluminados estão dentro de ti, “não os usas como adorno na cabeça”. Advertia constantemente contra comportamentos modistas ou sectários, que podem oferecer certas satisfações emocionais mas não produzem o despertar Zen.

Yuanwu mencionava também outro abuso específico de artefactos como os escritos — bem documentado na tradição diagnóstica do Zen — caracterizado por julgamentos dessas obras em termos sentimentais e intelectuais comuns, baseados em comparações subjetivas. Enquanto ferramentas, esses escritos são instrumentos de precisão concebidos para medir e orientar. Embora uma das suas funções seja revelar falhas ou deficiências na atividade mental, o valor deste efeito depende de outros fatores, como a atitude do indivíduo. Um dos temas persistentes do Zen é notar os desequilíbrios e falhas na própria mente e pensamento, a fim de deliberadamente contrabalançá-los ou superá-los, e evitar que voltem a aparecer.

Segundo Yuanwu, a independência plena significa que a atenção consciente (*mindfulness*) e a ausência de atenção (*mindlessness*) não deixam impressão na tua alma. Então, mesmo acontecimentos problemáticos não afetam os teus pensamentos; estás interiormente sereno e exteriormente adaptável. Yuanwu falava também sobre o papel de mestre Zen, sublinhando a compaixão, o tato, a imparcialidade, a discrição e a ausência de competitividade. Acrescentava que a oposição não deveria provocar sentimentos pessoais, seguindo o antigo ensinamento taoísta de que “ninguém pode contender com quem não contende”. Eventualmente, dizia Yuanwu, “as pestes maliciosas desaparecem por si próprias”.

Yuanwu advertia os praticantes de que são necessários tempo e prática para alcançar as possibilidades indicadas pelos guias Zen, e que, nesse intervalo, todo o tipo de falsos mestres pode tentar ensinar os incertos. Descrevia uma característica fundamental dos charlatões espirituais como sendo levar as pessoas a “brincar com curiosidades”. Nesse sentido, o verdadeiro ensinamento Zen é anátema para sectários religiosos e diletantes literários.

Explicando os métodos de ensino Zen, Yuanwu dizia que os dispositivos usados pelos verdadeiros mestres Zen são concebidos para “fisgar” as pessoas, ou trazer à tona a sua confusão dominante ou atitude controladora, a fim de as libertar dessas limitações. Imaginar que esses dispositivos representam as crenças pessoais dos mestres, transformando-os em artigos de fé ou slogans de uma escola, leva à criação de interpretações ineficazes e, muitas vezes, completamente absurdas do ensinamento Zen.

Yuanwu é um dos grandes mestres Zen normalmente associados, pelos historiadores, a um ponto de viragem na história do uso das histórias Zen no processo de aprendizagem e ensino do Zen. Embora dissesse que era um erro grave não refletir sobre as palavras dos antigos depois de despertar, aproveitando assim a alavancagem percetiva que elas oferecem, afirmava também que o uso de ditos e histórias não é absolutamente essencial para algumas pessoas: “Basta corrigires a tua atenção e acalmares a mente desde o momento em que te levantas de manhã, e, seja o que for que digas ou faças, revê cuidadosamente e vê de onde vem e o que faz com que aconteça.”

Observar a mente pode tornar-se, por si só, uma atividade improdutiva e confusa sem o desapego necessário para a objetividade. Yuanwu sublinhava que não é necessário abandonar a ação no mundo para alcançar a liberdade. Acalmar a mente, ensinava, sendo no máximo um meio expedito, pode dar a impressão subjetiva de vazio, mas não é, em si, o vazio que o Budismo chama de verdade suprema. O verdadeiro vazio, ou abertura, no Zen, dizia, é vivo e não pode ser fixado; não está nem no ser nem no não-ser, está para além das atitudes de rejeição ou apego. Eventualmente, escrevia Yuanwu, “Podes confiar nesta mente verdadeira, pura e inefável, e, quando as condições mundanas chamam ao envolvimento, notas que a mente não as acompanha.”

Com Yuanwu, o mestre Zen Foyan foi um dos chamados “Três Budas” da primitiva Escola da Montanha Oriental, sob a tutela do grande Wuzu. Existe um imenso registo dos seus ensinamentos, incluindo uma das maiores coleções de instruções diretas de todo o cânone Zen. As seleções traduzidas neste volume são retiradas dessas instruções diretas, que utilizam uma das formas mais subtis da sabedoria Zen.

Foyan ensinava as pessoas a desapegar-se do pensamento, um exercício que não exige parar a mente, mas que se utiliza para atingir o mesmo fim. “Não vos ensinamos a aniquilar pensamentos aleatórios, suprimir corpo e mente, fechar os olhos e considerar isto Zen”, dizia, enfatizando a importância do que chamava “poupar energia”, preservando sem esforço a integridade da mente original. Foyan enfatizava também a independência e a auto-observação, explicando que os sentimentos subjetivos, ou interpretações subjetivas do mundo objetivo, não são, por si, o mundo objetivo real.

Foyan falava de uma vasta gama de questões práticas de forma simples e direta, que, embora fácil de compreender, revelava a verdadeira dificuldade do Zen. “Tens de saber como te examinar antes de poderes atingir o Zen”, dizia, ilustrando várias formas de abordar essa atividade. Uma coisa que Foyan não recomendava era que pessoas confusas corressem atrás de gurus, quando deveriam primeiro investigar onde se confundiram. Como outros mestres Zen, dizia: “Trata-se apenas de chegar à fonte da mente.”

A libertação proposta pelo Zen, realizada ao chegar à fonte da mente, não é apenas libertação de limitações e sofrimentos desnecessários, mas também libertação de uma vasta reserva de poder inerente à realidade. Este é um ponto muito importante, ligado ao aviso recorrente de Foyan para não pensar que o Zen envolve a supressão da mente e do corpo. É costume que os mestres Zen se abstenham de falar dos poderes superiores latentes na mente humana (embora sejam descritos detalhadamente em certos textos budistas) e de evitar fazer exibição desses poderes. Esta prática visa desencorajar as pessoas de procurarem o Zen por ambição pessoal, mas também contribuiu para a falsa identificação da “normalidade” tal como entendida no Zen com a “normalidade” definida nos termos aceites por sistemas sociais que pouco ou nada fazem para fomentar o desenvolvimento da consciência humana para além dos limites desses sistemas.

Tão úteis se revelaram as palestras gerais de Foyan para os praticantes posteriores que foram reunidas num livro classificado como um dos três chamados “incomparáveis” da literatura Zen. Outro desses três “incomparáveis” é a célebre coleção de cartas de Dahui, sucessor de Yuanwu, cujo impacto como mestre Zen foi tão extraordinário que, por vezes, é descrito como uma reencarnação de Linji, o formidável antepassado espiritual de toda a Escola da Montanha Oriental do Zen. As seleções dessas cartas seguem as palestras de Foyan nas traduções contidas neste volume.

Dahui destacou-se particularmente pela sua capacidade de explicar o Zen em termos simples, pela sua aptidão extraordinária em provocar o despertar Zen e pela prática de recolher histórias Zen raras e incomuns. Ainda no círculo do seu mestre Yuanwu, Dahui recebeu a missão especial de lidar com os leigos que

vinham procurar conselhos e, mais tarde, já como mestre, manteve também uma extensa correspondência com praticantes leigos.

Dahui fez amplo uso do ensinamento da *Escritura do Ornamento de Flores* e da meditação conhecida como “reflexão oceânica”, de onde se diz que essa escritura provém. Sublinhava que a budeidade não é uma forma perceptível externamente, mas um conhecimento interior. Ensinando o expediente de ser como o espaço consciente, vendo Buda em tudo e em todos, Dahui afirmava que não há necessidade de adereços religiosos ou espirituais para estudar Zen. O essencial, dizia, é a vigilância; examina-te a ti próprio, ensinava, e acautela-te contra a distração e a parcialidade. Descobre a fonte da mente, prosseguia, e, quando for necessário mudar as coisas, fá-lo mudando a mente.

Segundo Dahui, a imparcialidade é o verdadeiro significado da “ausência de mente” no Zen, e esta parte do seu ensinamento foi incorporada literalmente num manual secular de serviço civil e governo.

Tal como Foyan e outros, Dahui dizia que era importante não abandonar o mundo comum para estudar Zen. Observava que muitos só estudavam Zen com seriedade quando tinham problemas, relaxando depois quando alcançavam sucesso no mundo. Para a iluminação Zen, afirmava, não é necessário abandonar família e amigos, nem deixar a profissão, nem ser vegetariano, asceta ou eremita. As pessoas que exteriormente abandonavam a sociedade, mas interiormente conservavam sentimentos mundanos, eram as que transformavam comunidades Zen em famílias, sociedades e ocupações que, apesar de diferirem das organizações mundanas nos adornos externos e ideologias professadas, baseavam-se, no entanto, numa psicologia completamente mundana.

Dahui dizia que mestres sem iluminação, carreiristas da vida monástica, apenas criam réplicas de si mesmos e não transmitem a iluminação. Deste modo, a transformação do Zen num sucedâneo mundano avançava rapidamente durante a dinastia Song, inspirando Dahui e outros a apresentar críticas contundentes. Segundo os verdadeiros adeptos, mestres e escolas Zen reputados podiam, na realidade, ser criações de amadores que registavam e consagravam apenas o que lhes agradava. Um dos sinais reveladores dos zennistas autoiludidos, contudo, é que geralmente não reconhecem verdadeiros videntes se por acaso os encontram; e, mesmo que os reconheçam, isso é inútil, pois os autoiludidos procuram concordância e aprovação, não compreensão.

O mestre Zen Hongzhi, grande contemporâneo de Dahui, foi um dos últimos representantes vivos da sua linhagem no Zen e é considerado por alguns como aquele que completou a formulação e o refinamento do projeto literário do Zen

da dinastia Song. Neste volume, após as cartas de Dahui, são traduzidos excertos das suas instruções Zen.

Hongzhi fez contribuições absolutamente extraordinárias para a literatura Zen em todas as formas. A sua poesia está entre as mais refinadas do género e até a sua prosa possui uma qualidade poética raramente igualada. Compilou duas famosas coleções de cem histórias Zen cada, acrescentando os seus próprios comentários — um conjunto em poesia e o outro em prosa —, equiparando-o assim à obra anterior de Xuedou. Existe também uma considerável coleção de outras palestras, ditos, poemas e escritos de Hongzhi. Aqui são traduzidas seleções das suas instruções, redigidas numa prosa de graça e beleza excepcionais, conferindo uma qualidade artística inigualável à precisão científica que se encontra nas obras correspondentes de Yuanwu, Foyan e Dahui.

Nos seus ensinamentos sobre liberdade mental, Hongzhi afirmava que a mente é originalmente não-apegada a objetos. Para tornar isto uma questão prática, porém, ensinava o que chamava de “exercício silencioso de observação interior”. Reiterava o ditado Zen de que não existe forma de explicar a realidade, devendo esta ser experienciada por cada um; para isso, dizia: “Limpa imediatamente o pó e a sujidade dos pensamentos subjetivos.” O sucesso neste processo permite ao praticante progredir para um tipo de exercício Zen sem esforço, no qual há consciência espontânea e panorâmica.

A vida iluminada, escreve Hongzhi, é natural e espontânea, mas ainda assim ordenada e não arbitrária. Apresenta exercícios para eliminar a arbitrariedade e aperfeiçoar a sintonia da mente humana, mantendo intacta a verdadeira espiritualidade interior mesmo ao participar no mundo comum. Dahui sustentava que, quando o sentar-se em silêncio não resulta em serenidade em meio à turbulência, isso significa que não é realmente eficaz, nem sequer na quietude; de forma semelhante, Hongzhi criticava alguns alunos por ficarem demasiado tempo sentados em meditação, perdendo a capacidade de integração efetiva.

As seleções da obra de Hongzhi traduzidas neste volume são seguidas por excertos das instruções de Ying-an, outro professor ilustre da Escola da Montanha Oriental. Ying-an tornou-se discípulo do grande Yuanwu depois de uma iluminação inicial sob a tutela de outro mestre Zen. Mais tarde, por recomendação do próprio Yuanwu, Ying-an passou a estudar com Huqiu, um dos sucessores de Yuanwu, conhecido como o “Tigre Adormecido” do seu círculo. Huqiu viria a reconhecer Ying-an como mestre Zen e deu-lhe permissão para ensinar.

Na sua apresentação do Zen, Ying-an enfatizava a imunidade às influências económicas, sociais e mentais comuns que normalmente coagiam a

humanidade. A liberdade Zen, dizia, não pode ser fixada nem prevista. A percepção verdadeira é a essência do Zen, sustentava; os genuínos estudantes de Zen não têm refúgios, credo fixo ou religião.

Ying-an cita vários tipos de Zen degenerado, incluindo os que derivam do apego a percepções temporárias e a elaborações isoladas de visões limitadas. Descreve também múltiplas personalidades tanto do quietismo como do niilismo, que por vezes se fazem passar por Zen. Um tipo de falso Zen é caracterizado por Ying-an como promovido por pessoas cuja mente foi envenenada por falsos mestres, levando-as a acreditar que elas próprias são mestres Zen. Outro tipo de falso Zen é promovido por seguidores oportunistas que captam a gíria Zen e tentam ganhar fama com o seu “zennismo”. Para se curar destas formas de loucura, as pessoas podem ter de abandonar deliberadamente o envolvimento em estudos espirituais.

Um conhecido provérbio taoista diz: “A viagem de mil milhas começa com o primeiro passo.” Segundo Ying-an, o primeiro passo tem de ser o passo certo, na direção certa, para que conduza à chegada ao destino. É por isso que os antigos mestres Zen deixaram tantas direções, ou pelo menos indicações, sobre como e onde os praticantes poderiam encontrar o caminho.

Nas suas instruções, Ying-an observa também que o entusiasmo em aprender é frequentemente uma barreira central à percepção real do Zen. Uma das desvantagens desse entusiasmo é poder alimentar a tendência impulsiva de dar o “primeiro passo de uma viagem de mil milhas” ao acaso. Não abordes o Zen com preconceitos, ensina Ying-an, mas também não penses que não existe compreensão Zen. É preciso prática, diz, mas o objetivo da prática é alcançar a naturalidade e a espontaneidade.

Uma das observações mais gerais feitas pelos mestres Zen é que atividades que outrora tinham um objetivo específico tendem a ser desviadas para outros fins ou transformadas em fins em si mesmas. Praticamente todos os métodos Zen que podem ser definidos foram assim desviados ou transformados em várias épocas, tal como a maioria dos métodos educativos comuns. Esta é uma das razões para as mudanças periódicas de tática.

“O Zen não pode ser alcançado por palestras, discussões ou debates”, diz Ying-an, referindo-se, sem dúvida, aos vestígios altamente ritualizados da educação interativa popularizada nas escolas barrocas de Zen. Por outro lado, prossegue, se as pessoas puderem fazer como os antigos mestres Zen, “a certo ponto hão de virar subitamente a luz da sua mente para dentro e ver através das ilusões até ao verdadeiro eu.”

Versões excessivamente intelectualizadas de pseudo-Zen abundavam evidentemente na China da dinastia Song, contribuindo, sem dúvida, para a ossificação de formatos como aqueles que Ying-an rejeitava. Sobre o desejo de conhecimento intelectual, Ying-an dizia: “Os teus calafrios e febres serão agravados pelo vento do conhecimento intelectual; o teu nariz estará sempre entupido e a tua cabeça sempre enevoadada.”

Muitos dos obstáculos e becos sem saída que Ying-an aponta estão de alguma forma relacionados quer com abordagens excessivamente intelectuais, quer com abordagens anti-intelectuais ao Zen. O intelectualismo encontra-se em muitas atitudes académicas, literárias, artísticas e sacerdotais para com o Zen; mas o mesmo se aplica ao anti-intelectualismo, ou à ideia de que, porque o Zen nega a supremacia do intelecto, tem de ser anti-intelectual.

Ying-an volta a enfatizar que as pessoas interessadas no Zen não devem abordá-lo com a intenção de alcançar grandeza, com ansiedade pelo sucesso ou com desejo de reconhecimento. Segundo o ensinamento Zen, tudo isto é obra da vaidade, não de uma aspiração verdadeira à iluminação. É, portanto, contraproducente e bloqueia o caminho do Zen.

Como a iluminação Zen está, em última análise, para além das palavras, sabe-se que mestres recorreram a outros meios para transmitir impressões. Entre as técnicas mais dramáticas estavam várias táticas de choque. Golpes e gritos surpreendentes, por exemplo, eram conhecidos por terem sido usados por alguns antigos mestres Zen para produzir efeitos específicos na mente dos praticantes. Sabe-se também que estes dispositivos foram amplamente imitados. Usados de forma imitativa e aleatória, perderam os efeitos originais pretendidos. Assim, transformaram-se em formas de fingimento e mistificação. Há muitas referências a este fenómeno na literatura Zen.

Ying-an afirma que golpes e gritos — que, no imaginário popular, passaram a associar-se ao misticismo Zen — não representam realmente o Zen. Em vez de se preocupar com doutrinas, expressões literárias ou pantomimas, Ying-an recomenda aquilo a que chama “um certo estado em que não se perde absolutamente tempo algum, vinte e quatro horas por dia”, um estado a “manter até se chegar ao ponto em que não há onde agarrar nem onde ancorar.”

Então, diz ele, “Deves largar e tornar-te vazio e silencioso, claro e calmo, até ao ponto em que antigas interpretações intelectuais, racionalizações, falsos conhecimentos e perceções erradas não consigam entrar na tua mente nem atuar sobre ela.” Ying-an enfatiza ainda a necessidade de uma vontade forte para realizar isto; embora ver a mente Zen seja fácil, dizia, é preciso força para a utilizar.

Após os ditos de Ying-an, esta coleção apresenta excertos das palestras de um dos seus sucessores Zen, o mestre Mi-an. Segundo Mi-an, o Zen é uma questão de estar “totalmente vivo e livre”, pois só assim é possível estar no mundo sem ser afetado por ele. Esta possibilidade é inerente a todos, dizia, mas muitas pessoas que tentam alcançá-la através do Zen são enganadas por falsos mestres. Quando o estudo do Zen é também motivado pelo desejo de reconhecimento, advertia, isso torna as pessoas ainda mais suscetíveis a tal engano.

Mi-an cita meia dúzia de problemas típicos que inibem a iluminação no Zen, apesar de um estudo intensivo. Acrescenta que estes problemas são encontrados não apenas por principiantes, mas até por pessoas com experiência básica no Zen. Mi-an enfatiza, contudo, que, quando o Zen é realizado, “as verdades budistas e as coisas do mundo tornaram-se uma só — onde há qualquer coisa externa que possa constituir um impedimento?” Os ditos de Mi-an são seguidos por instruções Zen de Xiatang, outro dos célebres discípulos de Yuanwu.

Xiatang apresenta uma explicação detalhada do conhecimento não discursivo, considerado fundamental no Zen. Salaria que a consciência neste tipo de conhecimento é, por natureza, não discursiva; não é alcançada pela supressão da razão, mas por um nível de atenção para além daquele dos sentidos comuns. Xiatang também sugere que a fonte dessa consciência é, na verdade, a “imortalidade espiritual” procurada pelas altas esferas do Taoismo.

Xiatang deixa claro, no entanto, que alcançar a experiência deste conhecimento não discursivo não é o mesmo que o utilizar. “Vislumbrar” seguido de obsessão é problemático, diz ele, recorrendo à metáfora clássica do “pó de ouro nos olhos” para descrever o problema do apego espiritual. Como de costume, Xiatang cita mestres antigos sobre formas de sair deste impasse.

Xiatang sublinha a importância primordial de quebrar o domínio dos mecanismos compulsivos ou coercivos de habituação e condicionamento. Segue-se a esta ideia a ênfase na necessidade de estar consciente das consequências das ações. O domínio para além da tirania das influências externas é, por vezes, chamado de vazio ou nada, no sentido de que a realidade é vista sem uma mente cheia de preconceitos.

Muitos mestres Zen da dinastia Song abordaram com urgência os problemas de atitude e comportamento associados a uma realização imperfeita do vazio. Um mestre posterior explicou que a fase Zen do “nem bem nem mal” não significa que o mal seja bem, nem que se possa fazer o mal sem sofrer as consequências. Significa, disse ele, que a pessoa não é tocada nem pelo bem

nem pelo mal. Só então, de acordo com o ensinamento Zen clássico, é possível distinguir o verdadeiro bem e mal do suposto bem e mal, sem os enviesamentos subjetivos implantados pelo condicionamento.

Este volume conclui-se com excertos dos ditos de Yuansou, um dos mais ilustres mestres Zen do século XIV. Nessa altura, a China era governada por usurpadores mongóis, que, em geral, favoreciam as escolas tibetanas do budismo em detrimento das escolas chinesas. Kublai Khan (neto do célebre Gengis Khan), que estendeu a conquista mongol a todo o território continental da China, interessou-se durante algum tempo pelo budismo Zen, mas poucos mongóis parecem ter-se dedicado aos estudos Zen. Um dos raros mestres Zen mongóis, no entanto, foi aluno de Yuansou.

Yuansou foi herdeiro, na quarta geração, da linhagem Zen do grande Dahui, mas também trabalhou com um dos últimos mestres da linha de Hongzhi. Diz-se que Yuansou deu muitas provas de poderes paranormais e atraiu milhares de praticantes durante os seus muitos anos como mestre público. Embora grande parte do registo do seu ensinamento se diga ter-se perdido durante as convulsões civis do final do século XIV, quando a dinastia Yuan mongol colapsou, sobreviveu, ainda assim, uma quantidade considerável de material, incluindo várias cartas instrutivas, de onde foram traduzidas as presentes seleções.

Yuansou apresenta uma descrição bastante detalhada da essência da meditação Zen, mostrando como diferentes termos usados ao longo dos tempos se referem à mesma coisa. Enfatiza o carácter expedito dos ensinamentos budistas, observando a sua grande variedade. Refere também várias abordagens muito gerais e comuns à realização Zen, e afirma que o objetivo não está realmente confinado, nem contido, em qualquer abordagem particular.

Yuansou confirma a onnipresença esquiva da experiência Zen, que só se torna esquiva por causa das tentativas de a fixar. Yuansou diz que, quando se tenta fixar o Zen, ele fixa-nos a nós; e que, ao deixarmo-nos “enganar por mestres cegos, transformando Buda, Dharma, Zen, Tao, mistérios, maravilhas, funções e estados em coisas reificadas, de uma forma ou de outra isto cola-nos a língua, fecha-nos os olhos e aperta-nos o coração.”

Explicando as razões para o uso de métodos expedientes, Yuansou afirma que “os diversos ensinamentos e técnicas dos Budas e mestres Zen são apenas apresentados para que cada um volte a si mesmo, compreenda a sua mente original e veja a sua natureza original, para que alcance um estado de grande descanso, paz e felicidade.”

Acrescentando que maus hábitos acumulados dificultam o caminho, Yuansou alerta que, tal como isto é verdade na vida comum, é-o ainda mais quando se tenta alcançar percepções sofisticadas no Zen, as quais não podem ser conscientemente organizadas, mesmo com boas intenções. Além disso, diz, os maus hábitos podem muito bem estar por baixo de um verniz de boas intenções. Este é o padrão dos falsos religiosos e dos amadores espirituais, caracterizados por Yuansou nestes termos: “Pega na tua bagagem e vai a casa de outras pessoas procurar Zen, procurar Tao, procurar mistérios, procurar maravilhas, procurar budas, procurar mestres Zen, procurar professores. Pensa que isto é procurar o último objetivo e transforma-o na tua religião, mas isto é como correr cegamente para o leste para obter algo que está no oeste. Quanto mais corres, mais longe ficas, e quanto mais te apressas, mais tarde chegas.”

Yuansou fala também da franqueza da mente Zen, não sobrecarregada por pensamentos e ideias confusos e ilusórios. Diz que é impessoal e que não pertence a qualquer cultura, sistema ou ideia. A subjetividade na discriminação — o agarrar e o rejeitar —, adverte, faz as pessoas perderem a independência e caírem sob o efeito hipnótico das “coisas”. Assim, do princípio ao fim, a sua ênfase total, como a de todos os mestres Zen clássicos, é sobre a libertação — a liberdade de ver, a liberdade de ser, a liberdade de viver deliberadamente.